

**MARLY MORAIS DA SILVA TRIGUEIRINHO**

**ORIENTAÇÃO VOCACIONAL/PROFISSIONAL – UM  
ESTUDO COM ADOLESCENTES DE ESCOLA PÚBLICA**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA EDUCACIONAL**

**Centro Universitário FIEO - UNIFIEO**

Osasco

2008

**MARLY MORAIS DA SILVA TRIGUEIRINHO**

**ORIENTAÇÃO VOCACIONAL/PROFISSIONAL – UM  
ESTUDO COM ADOLESCENTES DE ESCOLA PÚBLICA**

Dissertação de Mestrado apresentada à banca examinadora do UNIFIEO – Centro Universitário FIEO, como exigência final para obtenção do título de Mestre em Psicologia Educacional, sob a orientação da Professora Dr<sup>a</sup>. Maria Luiza Puglisi Munhoz.

Osasco

2008

TRIGUEIRINHO, Marly Morais da Silva.

Orientação vocacional/profissional – um estudo com adolescentes de escola pública/ Marly Morais da Silva Trigueirinho; Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Luiza Puglisi Munhoz. Osasco, 2008, 105p.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia Educacional (área de concentração: Psicopedagogia), do UNIFIEO - Centro Universitário FIEO.

1. Escolha profissional/ vocacional;
2. mundo do trabalho;
3. habilidades pessoais.

MARLY MORAIS DA SILVA TRIGUEIRINHO

**ORIENTAÇÃO VOCACIONAL/PROFISSIONAL – UM  
ESTUDO COM ADOLESCENTES DE ESCOLA PÚBLICA**

Osasco, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2008.

---

---

---

---

## DEDICATÓRIA

Ao Fábio, Larissa e Vitor, pela cumplicidade e amor que nos une.

## **AGRADECIMENTOS**

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Luiza Puglisi Munhoz, por todo apoio e orientação.

Aos demais professores do Curso de Pós-Graduação do Centro Universitário FIEO, pelos valiosos ensinamentos.

## RESUMO

TRIGUEIRINHO, Marly Moraes da Silva. **Orientação vocacional/profissional – um estudo com adolescentes de escola pública** [Dissertação de Mestrado]. Osasco: UNIFIEO, 2008, 105 p.

Nesse estudo buscamos averiguar se um programa de ação de Orientação Vocacional/Profissional para Adolescentes de Escola Pública, facilita a escolha profissional. O grupo de pesquisa foi composto por alunos da 3ª série do ensino médio, que estão buscando inserção no mercado de trabalho. A transformação que vêm ocorrendo no âmbito do trabalho e emprego exige nova aprendizagem/reaprendizagem individual para o enfrentamento da atual problemática referente ao trabalho e renda. Como embasamento teórico para esse estudo, nos apoiamos na Teoria da Complexidade, de Morin, para melhor compreensão do mundo do trabalho e, nos conceitos de Vygotsky sobre o Desenvolvimento Psicológico para conhecer melhor os sujeitos da pesquisa. Quanto à Orientação Vocacional/Profissional trabalhamos com a Abordagem Clínica de Bohoslavsky, ela nos possibilitou a operacionalização do programa, em nossa tentativa de clarificar os determinantes objetivos/subjetivos da escolha. Apresentamos ainda, as possibilidades de qualificação, baseadas no Sistema de Educação Profissional. Os temas abordados em nosso programa formam um tripé englobando a Psicopedagogia, enquanto aprendizagem, na busca das competências; a Psicologia como facilitadora para a compreensão da subjetividade do sujeito, auto-estima, autoconceito, se complementando na pedagogia, a partir do Sistema Educacional Profissional, para ampliar o conhecimento das competências e aumentar a chance de inserção no mercado de trabalho. Como resultado do programa, observamos que a partir do 2º semestre/02 houve um significativo aumento na procura por cursos técnicos na Escola Senai “Suiço-Brasileira”. Esse dado reforça a nossa percepção de que os adolescentes ao se familiarizarem com o processo da escolha e tomarem conhecimento das possibilidades, sentiram-se motivados e mais seguros para buscar sua qualificação técnica profissional.

Palavras-chave: Escolha profissional/vocacional; mundo do trabalho; habilidades pessoais.

## ABSTRACT

TRIGUEIRINHO, Marly Morais da Silva. **Vocational/ Professional Orientation – a study with public school teenagers** [Master's degree dissertation]. Osasco: UNIFIEO, 2008, 105 p.

In this study we attempted to check if the Vocational/Professional Guidance action program for Public School Teenagers facilitates their career choice. The research group was composed by students of the 3<sup>rd</sup> year of secondary school [last year of high school], who are working towards an insertion in the labor market. The transformation that is occurring in the labor and employment sphere calls for a new individual learning/ re-learning process to face the current set of problems involving work and income. For the theoretical rationale of this study, we relied on the Theory of Complexity, by Morin, for a better understanding of the world of labor/work, and on Vygotsky's concepts concerning psychological development to better comprehend the research subjects. Regarding Vocational/Professional Guidance, we worked with Bohoslavsky's clinical approach, which enabled us to make the program operational, in our attempt to clarify the objective/subjective determinants of the choice. In addition, we present the possibilities of qualification, based on the Career Education System. The themes broached in our program form a triad comprising Psychopedagogy [Pedagogy of Education], while learning, in search of competences; Psychology as the facilitator to understand the subject's subjectivity, self-esteem, self-concept, complementing itself in pedagogy; from the Career Education System, to expand the knowledge of competences and increase the chance of insertion in the labor market. As a result of the program, we observed that from the second semester of 2002 onwards there was a significant increase in demand for technical courses in the "Escola Senai "Suiço-Brasileira". This data enhances our perception that teenagers, when they become conversant with the choice process and become aware of the possibilities, will feel motivated and will feel greater self-confidence to seek their technical-professional qualification.

Keywords: Professional/ career choice; Knowledge of the labor/employment world; Knowledge of personal skills.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>I A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO INTERDISCIPLINAR</b> .....	14
1.1 Todo conhecimento é local e global.....	14
1.2 Pensamento complexo e o aprender.....	17
<b>II TRABALHO E EDUCAÇÃO</b> .....	22
2.1 As necessidades humanas e organizacionais.....	22
2.2 Ensino médio e tecnológico.....	24
2.3 A expansão da educação profissional.....	25
2.4 Os pobres nos cursos técnicos.....	27
2.5 Competências e habilidades que favorecem o ingresso no mercado de trabalho.....	28
2.6 Formação e competências profissionais.....	32
<b>III ADOLESCENTE E A ESCOLHA PROFISSIONAL</b> .....	35
3.1 A cultura e o desenvolvimento individual.....	35
3.2 O ser e o meio ambiente: unidade necessária.....	38
3.3 A linguagem e a mediação simbólica.....	40
3.4 A aprendizagem e a autonomia da escolha.....	43
3.5 Orientação Vocacional/Profissional.....	48
3.6 Quem é esse indivíduo que escolhe?.....	50
3.7 O que você vai ser quando... O mercado crescer?.....	51
<b>IV PROGRAMA DE AÇÃO</b> .....	59
4.1 Orientação vocacional/profissional - um estudo com adolescentes de escola pública.....	59
4.2 As parcerias para realização do programa de ação.....	61
4.2.1 Diretoria da Delegacia de Ensino de Osasco.....	61
4.2.2 A Universidade de São Paulo – USP.....	61
4.2.3 Ainda para garantir a logística e a eficácia do trabalho, contamos com o apoio operacional.....	61
4.2.4 Centro Paula Souza, CIEE, Fundação do Instituto Tecnológico de Osasco – FITO e SENAI.....	62
4.2.5 Prefeitura do Município de Osasco, através da Secretaria de Trabalho e Emprego, SERT - Secretaria Estadual do Emprego e Relações do Trabalho.....	62
4.2.6 UNIBAN e UNIFIEO.....	63
4.3 Descrição das etapas do programa de ação.....	63
4.4 Recursos didáticos e pedagógicos utilizados nas sessões/oficinas do programa de ação de orientação vocacional/profissional.....	64
4.5 Estratégias e técnicas como recursos didáticos pedagógicos no desenvolvimento do programa de ação.....	64

4.6	Procedimentos, estratégias, técnicas e instrumentos utilizados no programa de ação.....	65
4.7	Instrumento da pesquisa.....	68
<b>V</b>	<b>A PESQUISA</b> .....	69
5.1	Problemática/hipótese.....	69
5.2	Objetivos.....	70
5.3	Descrição da amostra.....	70
5.4	Instrumento da pesquisa.....	71
5.4.1	Procedimentos de Coleta de Dados.....	71
<b>VI</b>	<b>APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA REAÇÃO E AVALIAÇÃO DOS ALUNOS SUBMETIDOS AO PROGRAMA DE AÇÃO DE ORIENTAÇÃO VOCACIONAL/PROFISSIONAL</b> .....	72
6.1	Análise quantitativa com tratamento estatístico.....	72
6.2	Apresentação dos comentários.....	75
6.3	Inferências interpretativas a partir dos comentários dos adolescentes.....	78
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	83
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	90
	<b>ANEXOS</b> .....	93

### Índice de Tabelas

Tabela 1 – Discriminação da Ocupação.....	58
Tabela 2 – Contingentes estimados.....	58
Tabela 3 – Dados que evidenciaram a demanda do mercado por profissionais de formação técnica nível médio.....	59
Tabela 4 – Estratégias, objetivos e atividades.....	65
Tabela 5 – Números de alunos e escolas.....	70
Tabela 6 – Número de alunos matriculados e participantes do programa de ação..	70
Tabela 7 – Cursos Técnicos da Unidade SENAI "Suíço-Brasileira".....	81

### Índice de Figuras

Figura 1 – Opinião dos participantes quanto às informações recebidas.....	72
Figura 2 – Aplicabilidade das informações recebidas.....	72
Figura 3 – Divulgação pela escola do programa de Orientação Vocacional/Profissional.....	73
Figura 4 – Tempo de duração da atividade do planejamento de Orientação Vocacional/Profissional.....	73
Figura 5 – Esclarecimento de dúvidas.....	74
Figura 6 – Outras informações de interesse do grupo.....	74
Figura 7 – Caso você tivesse oportunidade de participar de outras atividades de Orientação Vocacional/Profissional, gostaria de ser convidado?.....	74

## INTRODUÇÃO

Um cientista e seu amigo estavam viajando pelo interior do País, quando observaram um rebanho de carneiros pastando num planalto: - "Eles foram tosquiados recentemente", disse o amigo. - "Assim parece, pelo menos no lado voltado para nós", replicou o cientista.

O desemprego e a inadequação para o mercado de trabalho tem sido o grande problema nas economias emergentes inseridas no processo de globalização.

Contudo, apesar de revelar-se como tendência mundial, a transformação que vêm ocorrendo no âmbito do trabalho exige novas aprendizagens para o enfrentamento da atual problemática.

Nessa dissertação buscamos verificar se o Programa de Ação de Orientação Vocacional/Profissional para Adolescentes de Escola Pública, facilita a realização de escolhas profissionais. O grupo de estudo foi composto por alunos da 3ª série do ensino médio da rede pública, que estão buscando inserção no mercado de trabalho.

Após desenvolver os estudos em psicopedagogia somando a experiência profissional na área de Recursos Humanos é que nos motivamos a realizar um programa de ação para orientação profissional a jovens, para facilitar sua inserção no mercado de trabalho. Decidimos trabalhar com adolescentes matriculados na 3ª série do ensino médio da rede pública, para oferecer Orientação Vocacional/Profissional. Visando facilitar a tomada de decisão para realizar suas escolhas profissionais e, também, auxiliá-los a ampliar seus universos na busca de soluções possíveis de trabalho e de renda, em resposta às exigências sociais, familiares e pessoais atribuídas a essa faixa etária. Desenvolvemos o programa com base na importância da informação sobre as possibilidades de qualificação técnica profissional, as instituições de ensino que promovem os cursos, as atividades desempenhadas pelos profissionais e o mercado de trabalhos.

A partir das vivências nas atividades propostas, procuramos estimular a reflexão sobre si mesmo, no sentido de analisar suas características e sensibilizando-os para a escolha. Assim como, incentivá-los a elaborar um projeto profissional que contemple suas vontades, desejos e amplie suas competências

técnicas, para facilitar a iniciação na vida profissional. Sabemos que na maioria das vezes a possibilidade deste jovem inserir-se no mercado de trabalho, mediante o emprego formal é escassa, mas, munidos de informações pertinentes ao mundo do trabalho, conhecendo-se melhor, ampliando suas habilidades, poderá adquirir as competências que lhe possibilite essa inserção.

Esse trabalho tem o nosso olhar como profissional da área de Treinamento e Desenvolvimento de Pessoas, onde as habilidades são vistas no que podem agregar valor para a organização. As empresas estão sempre implementando instrumentos capazes de avaliar e quantificar essa “performance”, ou seja, a contribuição individual de cada profissional. Elas necessitam cada vez mais ampliar sua competitividade, em virtude da concorrência planetária. Necessitam contar com pessoas talentosas para reduzir seus custos e agregar valor aos seus produtos e serviços para que possa se diferenciar nesse mercado tão competitivo.

Para alcançar seus objetivos organizacionais várias empresas elaboram programas de captação de talentos (Estagiários, *Trainee*), cursos e até mesmo as universidades corporativas para desenvolvimento profissional de seus funcionários, visando formar equipes de alta performance.

Porém, os sujeitos que estão excluídos desse universo empresarial, que não dispõem de recursos financeiros próprios para desenvolver novas habilidades para tornarem-se competentes e buscarem as qualificações desejadas pelo mundo do trabalho estarão assim predestinados à marginalidade? No contexto que estamos vivendo, nos parece que sim. Isso porque, atualmente, o mercado tem exigido das empresas respostas rápidas para que possam manter-se competitivas. Condutas que se aliam ao surgimento de novas tecnologias e a um novo arranjo produtivo, que tem ampliado as exigências por qualificação profissional. Frente a essa situação, muitos desempregados e os que estão iniciando sua carreira profissional não preenchem os requisitos técnicos exigidos por esse cenário.

Assim percebemos que uma das faces do desemprego no Brasil se apresenta também por falta de qualificação profissional.

No contexto dessas mudanças é importante pensar sobre a organização do trabalho de uma nova forma, que possibilite “abarcá-la” essa nova demanda. Neste ambiente, há necessidade de trabalhar a informação profissional, o autoconhecimento, resgatar a auto-estima deste adolescente, para torná-lo hábil a enfrentar o mundo do trabalho do 3º milênio.

O jovem tem sofrido diretamente o impacto das mudanças que tornam cada vez mais rarefeitas as oportunidades de exercer atividades produtivas, criativas e satisfatórias. Além do que, quanto menos favorecido for econômica e socialmente, mais remotas tornam-se suas chances, pois além da escassez de oportunidades no mercado de trabalho, ele tem que lidar também com a realidade de uma educação bastante deficitária para proporcionar-lhe conteúdo reflexivo, a fim de que possa elaborar um planejamento profissional.

Existe no mercado de trabalho uma "certa matriz" de competências que determina que as organizações necessitam de indivíduos pró-ativos, com alto grau de flexibilidade, criativos, automotivados, com boa escolaridade, proficiência em idiomas e qualificação profissional de bom nível. Com base em nossas experiências profissionais, percebemos que as exigências das empresas na definição do perfil profissional e nos pré-requisitos para o preenchimento de vaga a emprego, na maioria das vezes não correspondem às competências supostamente adquiridas por meio de titulações acadêmicas.

A educação profissional se mostra mais adequada porque inclui ampla formação geral, sólida base tecnológica e habilidades comportamentais e de aprendizagem. O profissional precisa saber "fazer", mas é também preciso "conhecer" e, acima de tudo, "**saber aprender**".

As competências definidas nessa "matriz" e desejadas pelas empresas, na maioria das vezes, não são encontradas nas formações acadêmicas exigidas, daí a importância do saber aprender, na busca constante do aprendizado que muitas vezes não está contemplado na grade curricular da educação formal. Acreditamos que a dimensão do programa de ação poderá estimular a mudança.

Em nossa experiência profissional observamos que o jovem possui a escolaridade (ensino médio), mas não possui informações e ignora os mecanismos e as estratégias que estimulem seu autoconhecimento; não tem metas, está desorientado em relação ao mercado de trabalho; desconhece as áreas e alternativas para direcionar sua vida profissional; não sabe quais são os conhecimentos, habilidades, competências e atitudes necessários para isso, nem tampouco os meios possíveis para alcançá-los, mantendo assim o *status quo*.

Portanto, é necessário estimular a busca por novos horizontes, inclusive outras alternativas profissionais, construindo assim uma nova visão de mundo. Mundo com número cada vez mais reduzido de empregos, mas que estejam

preparados para outras possibilidades de trabalho e renda.

No desejo de fazer uma integração da experiência profissional e acadêmica é que decidimos recontextualizar esta aprendizagem, procurando aplicar os conceitos e a teoria acadêmica à práxis, com o desenvolvimento do Programa de Orientação Vocacional/Profissional.

Buscamos apoio no pensamento da complexidade de Morin, a fim de captar as interfaces do mundo do trabalho, que atua e opera nas relações humanas. Isto por enxergar o homem como um ser social, que em constante interação com seu meio, provoca mudanças como também sofre as conseqüências destas, num processo espiral.

Entendemos que a psicopedagogia ao estudar a aprendizagem humana contribui com subsídios teóricos para o desenvolvimento desse Programa de Orientação Vocacional/Profissional. Tomando a Psicologia Educacional, nos conceitos de Vygotsky nas relações entre história individual e social, no sentido de educar para a vida, para a autonomia que integrados a subjetividade do jovem no processo de escolha, assessora o programa na tentativa de orientar sobre as diversas alternativas oferecidas no Sistema de Educação Profissional para a inserção no mundo do trabalho.

A aprendizagem vai assim se unindo e reintegrando dentro de uma visão sistêmica, do todo para a parte e da parte para o todo, formando novos conceitos construindo novas experiências a partir das vivências. É uma relação dialética, do global para local e o local interferindo no global.

Assim ao abordarmos a construção do conhecimento do sujeito percebemos que poderá ser considerada como uma ação multidimensional, a qual facilitará a ampliação das possibilidades do desenvolvimento desse sujeito em relação a ele mesmo, aos outros e ao mundo que o rodeia.

# CAPÍTULO I - A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO INTERDISCIPLINAR

## 1.1 TODO CONHECIMENTO É LOCAL E GLOBAL

Capra (1982) alerta para um sinal impressionante do nosso tempo quando se refere às pessoas que se presumem serem especialistas, já não estão capacitadas a lidar com os problemas urgentes que surgem em suas respectivas áreas de especialização. O fato é que, a maioria dos intelectuais que constitui o mundo acadêmico subscreve percepções estreitas da realidade, as quais são inadequadas para enfrentar os principais problemas de nosso tempo. Esses problemas são sistêmicos, o que significa que estão intimamente interligados e são interdependentes. Não podem ser entendidos no âmbito da metodologia fragmentada que é característica de nossas disciplinas acadêmicas e de nossos organismos governamentais. Vista desse ângulo, as crises apresentam-se como um aspecto de transformação, produzem um desequilíbrio que requer novos ajustes criativos.

A transformação que estamos vivenciando agora pode ser a mais dramática do que qualquer das precedentes, porque o ritmo de mudança em nosso tempo é mais célere do que no passado, as mudanças são mais amplas, envolvendo o globo inteiro, e porque várias transições importantes estão coincidindo. A crise atual, portanto, não é uma crise de indivíduos, governos ou instituições sociais, é uma transição de dimensões planetárias (CAPRA 1982).

Em Morin (2002, p. 14), como disseram Aurélio Peccei e Daisaku Ikeda:

O approach reducionista, que consiste em recorrer a uma série de fatores para regular a totalidade dos problemas levantados pela crise multiforme, que atravessamos atualmente, é menos uma solução que o próprio problema.

Efetivamente, a inteligência que só sabe separar, fragmenta o complexo do mundo em pedaços, fraciona os problemas, unidimensionaliza o multidimensional. Além disso, atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão, eliminando assim as oportunidades de um julgamento corretivo ou de uma visão de longo prazo. Sua insuficiência para tratar essa problemática constitui um dos mais graves

problemas que enfrentamos. De modo que, quanto mais os problemas se tornam multidimensionais, maior a incapacidade de pensar a multidimensionalidade; quanto mais a crise progride, mais progride a incapacidade de pensar a crise; quanto mais planetários tornam-se os problemas, mais impensáveis eles se tornam. Uma inteligência incapaz de perceber o contexto e o complexo planetário fica cega, inconsciente e irresponsável.

Assim, os desenvolvimentos disciplinares das ciências não só trouxeram as vantagens da divisão do trabalho, mas também os inconvenientes da superespecialização, do confinamento e do despedaçamento do saber. Não só produziram o conhecimento e a elucidação, mas também a ignorância e a cegueira, dissociando os problemas, em vez de reunir e integrar (MORIN, 2002).

Há inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas e, por outro lado, realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários (MORIN, 2002).

Falta-nos compreender que a nossa lucidez depende da complexidade do modo como organizamos nossas idéias. Há, portanto a necessidade de uma visão complexa, para melhor compreender esse novo contexto organizacional.

Existe complexidade, de fato, quando os componentes que constituem um todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico) são inseparáveis e existe um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre as partes e o todo, o todo e as partes. Ora, os desenvolvimentos próprios de nosso século e de nossa era planetária nos confrontam, inevitavelmente e com mais e mais freqüência, com os desafios da complexidade, também presente no mundo do trabalho.

Há necessidade de um pensamento capaz de integrar o local e o específico em sua globalidade; de não permanecer fechado; que esteja apto a favorecer o sentido da responsabilidade e da cidadania. Propiciando aos adolescentes que enfrentarão no terceiro milênio uma cultura que exigirá articular, religar, contextualizar e, se possível, globalizar, ou seja, reunir os conhecimentos adquiridos e recontextualizá-los.

Nessa concepção de complexidade, há necessidade de uma reforma do pensamento que contenha um enfoque social-chave: formar cidadãos capazes de enfrentar os problemas de seu tempo. Com isso, tornar possível frear o debilitamento da democracia que suscita, em todos os campos da política, a

expansão da autoridade dos *experts*, dos especialistas de toda ordem, que limitam progressivamente a competência dos cidadãos, condenados à aceitação ignorante daqueles que são considerados conhecedores, mas que de fato praticam uma compreensão que rompe com a contextualidade e a globalidade dos problemas.

A importância do didatismo é encorajar o autodidatismo, despertando, provocando, favorecendo a autonomia do espírito. A missão desse ensino é transmitir não o mero conhecimento, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre (MORIN, 2002).

Uma das bases da Psicologia Cognitiva nos mostra que um saber só é pertinente se for capaz de se situar num contexto. Mesmo o conhecimento mais sofisticado, se estiver totalmente isolado, deixa de ser pertinente.

Muitas de nossas escolas nos ensinam a isolar os objetos (de seu meio ambiente), a separar as disciplinas (em vez de reconhecer suas correlações), a dissociar os problemas, em vez de reunir e integrar. Obrigam-nos a reduzir o complexo ao simples, isto é, a separar o que está ligado; a decompor, e não recompor; a eliminar tudo que causa desordens ou contradições em nosso entendimento (MUNHOZ, 2001).

Em tais condições, as mentes jovens perdem suas aptidões naturais para contextualizar os saberes e integrá-los em seus conjuntos. O conhecimento pertinente é o que é capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível no conjunto em que está inscrita. As informações constituem parcelas dispersas de saber.

Podemos dizer até que o conhecimento progride não tanto por sofisticação, formalização e abstração, mas principalmente, pela capacidade de contextualizar e englobar. Essa é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida e não atrofiada.

Há necessidade de organizar os conhecimentos e, com isso, evitar sua acumulação estéril. Todo conhecimento constitui, ao mesmo tempo, uma tradução e uma reconstrução, a partir de sinais, signos, símbolos, sob a forma de representações, idéias, teorias e discursos.

O desenvolvimento da aptidão para contextualizar tende a produzir a emergência de um pensamento "ecologizante", no sentido em que situa todo acontecimento, informação ou conhecimento em relação de inseparabilidade com

seu meio ambiente - cultural, social, econômico e político (CAPRA, 1982).

É na escola, na universidade, na atividade de trabalho, no espaço público onde se "põe à prova" a capacidade intelectual das pessoas.

A inteligência se define a partir da possibilidade que outorga ao sujeito para pensar-se, ou seja, para conhecer suas possibilidades e até algo de seus desejos. Permite entender-se, construir-se, escolher como diferente entre os semelhantes. É graças à atividade intelectual que nos reconhecemos semelhantes sem ficarmos dependentes do outro, isto é, propondo nossa singularidade, nossa diferença, fazendo nossas escolhas.

## 1.2 O PENSAMENTO COMPLEXO E O APRENDER

A reforma do pensamento é uma necessidade democrática fundamental: formar cidadãos capazes de enfrentar os problemas de sua época é frear o enfraquecimento democrático que suscita, em todas as áreas da política, a expansão da autoridade dos *experts*, especialistas de toda ordem, que restringe progressivamente a competência dos cidadãos. Estes cidadãos são condenados à aceitação ignorante das decisões daqueles que presumem sabedores, mas cuja inteligência é míope, porque é fracionária e abstrata.

O desenvolvimento de uma democracia cognitiva só é possível com uma reorganização do saber, e esta pede uma reforma do pensamento que permita não apenas isolar para conhecer, mas também ligar o que está isolado. Assim renasceriam, de uma nova maneira, as noções pulverizadas pelo esmagamento disciplinar: o ser humano, a natureza, o cosmo, a realidade.

Transformar o pensamento é uma necessidade fundamental. Hoje somos vítimas de dois tipos de pensamentos fechados: primeiro o pensamento fracionário e burocratizado da tecnociência e, segundo o pensamento voltado para etnia ou a nação.

"É preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une". Assim Morin (2002, p.104) defende a incorporação dos problemas cotidianos do currículo, propiciando a interligação dos saberes. Na aprendizagem criativa é um interjogo constante entre incorporar o real externo a esquemas já existentes e modificá-los: assimilação e acomodação Fernandez (2001).

Morin (2002) defende a interligação de todos os conhecimentos, combate o reducionismo instalado em nossa sociedade e valoriza o complexo. A palavra complexidade de início pode assustar, isso porque o ser humano tende a se afastar de tudo o que é, ou parece ser complexo, complicado.

O que Morin propõe é uma modificação na forma de pensar, pois assim iremos compreender que a simplificação não exprime a unidade e a diversidade presentes no todo. Ao estudarmos um problema necessitamos dissociá-lo para formulações e abstrações, porém, logo devemos reintegrar para contextualizar e integrá-los em seu conjunto.

Na busca de alternativas, a inteligência também tende a desadaptação, e nessa busca do novo, do diferente, nesse hiato entre o que encontra e o que busca, nutre a possibilidade de criar, através do desejo de conhecer. Já que a inteligência permite não só a inserção na realidade, mas também, a invenção de outras realidades possíveis, essa é a desadaptação criativa.

Para Fernandez (1991) a inteligência não se constrói no vazio: ela se nutre da experiência do prazer pela autoria. Por sua vez, nas próprias experiências de aprendizagem, o sujeito vai construindo a autoria de pensamento e o reconhecimento de que é capaz de transformar a realidade e si mesmo. Não é apenas a aquisição de um conteúdo de conhecimento (tal como um objeto de consumo e, menos ainda, o treinamento profissionalizante) que dá valor à aprendizagem. Sua eficácia nasce da ação de ser construtor de autoria de pensamento, aquele prazer e aquela alegria que se imprimem no sujeito ao sentir-se autor de sua aprendizagem.

Esclarecendo o pensamento complexo de Morin, no ambiente de trabalho: um funcionário de uma fábrica de automóveis é capaz de fazer uma operação essencial para o funcionamento de um veículo, mas não chega sozinho ao produto final. MORIN (2002) não condena a especialização, mas sim a perda da visão geral, do todo.

Dentro dessa concepção de complexidade proposta por Morin (2002), é oportuno reforçar a importância do trabalho de orientação vocacional/profissional começar na escola. Na maioria das vezes a grade curricular escolar é fragmentada, não propicia uma visão geral do todo e as disciplinas muitas vezes não se complementam, nem se integram, dificultando a visão global que favoreça a aprendizagem contextualizada. Assim, tornam-se desconectadas da realidade, e

não permitem ao jovem compreender e buscar a relação entre elas e o cotidiano, para compreender e tornar-se autor desse conhecimento. Nesse sentido, faz-se necessário contextualizar para que perceba a relação dessas disciplinas com a sua vida, com seu contexto social. Não devemos dividir os saberes, assim como não devemos dividir o sujeito e o técnico, na busca tão somente das competências profissionais sem conhecer esse sujeito que escolhe.

Somos seres culturais e sociais, só podemos ser autônomos a partir de uma dependência original em relação à cultura, em relação a uma língua, em relação a um saber. A autonomia não é possível em termos absolutos, mas em termos relacionais e relativos. Sendo assim, poderá ir deixando de ser objeto do desejo do outro para ser sujeito de seu próprio desejo, ou, melhor ainda, para reconhecer-se como sujeito desejante.

No horizonte dessa lição de autonomia está, em última instância, a defesa da democracia como o recurso capaz de livrar os indivíduos não só da opressão sobre as suas liberdades (de escolha e de ação), mas também da miséria e do desamparo. Nesse sentido, ser autônomo consiste em possuir capacidades de eleger opções, a partir de informações sobre o que se tem que fazer e de como concretizar.

Portanto, ter autonomia não é só ser livre para agir, mas acima de tudo, é ser capaz de eleger objetivos e crenças, valorá-los e sentir-se responsável por suas decisões e por seus atos.

Algumas variáveis podem afetar a autonomia, como o grau de compreensão que uma pessoa tem de si mesma e de sua cultura, a capacidade psicológica que a pessoa possui de formular opções para si mesma, e as oportunidades objetivas que lhe permitam atuar.

Na ausência de qualquer uma dessas variáveis, ocorrerão restrições à autonomia pessoal, que podem ser causadas por diferentes fatores, que vão desde regras culturais (exclusão de minorias de certos papéis), circunstâncias econômicas (desemprego ou pobreza) até sobrecargas de demandas conflitantes.

Há modalidades de trabalhos suscetíveis de limitar a autonomia do trabalhador, dando lugar à depressão, ansiedade e baixa auto-estima. Esses fatores devem ser considerados quando eleger indistintamente o trabalho como um fator de auto-sustentação e de *empowerment* individual. Essas pessoas estão na verdade, sujeitas a um adicional de ameaças e riscos que tornam mais sofrida sua existência física e autônoma.

A atividade do pensamento e a necessária conexão com os limites da realidade, que delimitam o espaço em que pensar torna-se necessário e, ao mesmo tempo, possível. É nesse limite que vai trabalhar o pensar.

A autoria do pensamento é condição para a autonomia da pessoa que, por sua vez, favorece a autoria de pensar; à medida que alguém se torna autor, poderá conseguir o mínimo de autonomia. Assim sendo, o pensamento não pode ser autônomo, definir suas próprias normas, desvinculadas do desejo e da dramática inconsciente, já que o pensar ancora-se no desejar.

É preciso examinar o elo entre a idéia de sujeito e a idéia de liberdade. A liberdade supõe, ao mesmo tempo, a capacidade cerebral ou intelectual de conceber e fazer escolhas, e a possibilidade de operar essas escolhas dentro do meio exterior. É preciso reconhecer que, potencialmente, todo sujeito não é apenas ator, mas autor, capaz de cognição/escolha/decisão. A sociedade não está entregue somente a determinismos materiais; ela é um mecanismo de confronto/cooperação entre indivíduos e sujeitos. É preciso conceber o sujeito como aquele que dá unidade e invariância a uma pluralidade de personagens, de caracteres, de potencialidades.

A informação é sempre um dado terminado, recortado e recortável, separável da pessoa que o produziu. Em troca, o conhecer é um processo que, embora seja consciente e transmissível, principalmente através de conceitos (conhecimentos), tem suas fronteiras menos definidas. Pode diferenciar-se das pessoas que os produziram, mas mantém uma relação possível ou pelo menos indicativa de seus autores.

Quando transmitimos um conhecimento, para nós é uma construção, mas enquanto o transmitimos ele se transforma em um signo, o qual aparece como informação. A partir daí, o sujeito precisará construir o conhecimento.

Para fazer essa produção de conhecimento a partir da informação que o ensinante lhe dá, precisa recorrer ao seu próprio saber que será o que vai dar sentido àquela informação. A toda essa construção de conhecimento é o que Fernandez (2001) chama de aprender.

Em proporção maior que outras problemáticas, a que nos ocupa, exige uma unidade interdisciplinar em sua abordagem, pois para aprender põem-se em jogo quatro níveis: orgânico, corporal, intelectual e simbólico (FERNANDEZ, 2001).

Considerados esses aspectos, a Psicopedagogia amplia seu horizonte, não é mais o resultado da aprendizagem, o produto. Mas, o processo de aprendizagem é

que interessa, é o homem enquanto ser em processo de construção do conhecimento.

A autonomia está relacionada com a ação do sujeito. Quanto mais criadora e divergente em relação ao já instituído for essa ação, maior será a autonomia do eu cognoscente, pois age impulsionado por um desejo, numa ação que organiza e modifica o meio. Essa ação do sujeito tem como consequência a construção de conhecimento e, por seu caráter estruturante, a construção do próprio sujeito cognoscente.

Esse eu é o intermediário entre o desejo e a razão. Constituídos basicamente por processos psíquicos secundários, funciona regido pelo princípio da realidade que permite perceber a possibilidade ou não da satisfação do desejo. Por outro lado, sua função organizadora implica capacidade de síntese e elaborações simbólicas.

Em nossa prática nos grupos de Orientação Vocacional/Profissional, observamos cada vez mais, a necessidade de interpretar os conteúdos simbólicos trazidos pelos adolescentes, conhecer a realidade em que vivem, para garantir melhores resultados ao nosso compromisso: fornecer informações objetivas sobre o mercado de trabalho e as profissões para que cada participante se pense e reflita nas alternativas de qualificação profissional que preencham seus anseios e desejos.

## **CAPÍTULO II – TRABALHO E EDUCAÇÃO**

### **2.1 AS NECESSIDADES HUMANAS E ORGANIZACIONAIS**

As definições mais comuns de uma organização que aprende, enfatizam sua capacidade de adaptação às aceleradas mudanças que ocorrem no mundo atualmente. Entretanto, adaptabilidade constitui apenas um dos passos no processo de aprendizagem. O desejo de aprender vai mais adiante: é criativo e produtivo.

Sem respeitar essas variáveis básicas no trabalho, os indivíduos não terão condições físicas, cognitivas e emocionais para se desenvolver e lutar pela sua libertação de todas as formas de opressão.

Infelizmente, muitas instituições em nossa sociedade valorizam mais o controlar do que o aprender, recompensando o desempenho das pessoas em função da sua obediência a padrões estabelecidos e não por seu desejo de aprender.

As pessoas em organizações voltadas para o processo de aprendizagem permanente são diferentes? Poderão ser se, em primeiro lugar, conhecem-se e conhecem a organização em que trabalham: suas competências, seus objetivos e seus projetos. Sentem que há compatibilidade entre os seus objetivos pessoais e os organizacionais. As pessoas aprendem a trabalhar em equipe, a respeitar a sinergia do grupo. Mas, não precisam ser iguais entre si. A diversidade pode ser positiva desde que todas aprendam a trabalhar não apenas com seus modelos mentais, com a sua forma de ver o mundo, mas também com outros modelos, com outras formas de pensar uma situação.

A comunicação é fundamental em organizações voltadas para a aprendizagem, devendo fluir entre pessoas, áreas e níveis, visando à formação de diferentes competências. Assim, os objetivos organizacionais devem ser explicitados e compartilhados por todos. Deve haver congruência entre os objetivos individuais e os organizacionais, para que possa haver comprometimento e sinergia. Por fim, as organizações voltadas para a aprendizagem necessitam que as pessoas e os grupos desenvolvam uma visão do todo a partir da compreensão sistêmica do fenômeno organizacional que poderá contribuir e facilitar o desenvolvimento de uma

boa performance profissional.

A partir de nossa experiência com avaliações de desempenho é possível pensar em alguns princípios que são trabalhados pelas organizações, na busca do desenvolvimento de uma cultura de aprendizagem e de inovação:

- Pensar sistematicamente

A grande chave do pensamento sistêmico é a interdependência, ou seja, a idéia de que o desempenho de um sistema depende da integração entre suas partes componentes;

- Agir estrategicamente

Os estudiosos desse tema afirmam que num ambiente de alta complexidade, a única solução para sobreviver é definir uma estratégia. Isto se aplica as nossas organizações, que devem utilizar essas estratégias como guias de aprendizagem. Sem elas, o processo de aprendizagem torna-se aleatório e ineficaz;

- Cooperar na competição

Em todo o mundo cresce a importância das redes e alianças estratégicas. É importante enfatizar que o que se transaciona nas redes é conhecimento e que o resultado esperado é aprendizagem coletiva;

- Usar inteligentemente a informação

O excesso de informações hoje disponíveis pode gerar nas pessoas sentimento contraditório de asfixia pela quantidade e, ao mesmo tempo, de carência de informações relevantes. O seu uso inteligente depende de se pensar sistematicamente, e agir estrategicamente;

- Desenvolver uma cultura voltada para a aprendizagem

Com o uso de práticas de gestão, as empresas precisam desenvolver certos valores básicos que forneçam sustentação a uma cultura de aprendizagem. Entre a organização e o ambiente deve ser estabelecido uma relação pró-ativa, assumindo que o contexto ambiental em que se insere é administrável. Espera-se que o sujeito não tenha uma atitude passiva, fatalista frente aos acontecimentos, mas assuma uma postura ativa, envolvendo-se num processo constante de aprendizagem e de autodesenvolvimento. Esses fatores, valorizados afinal por organizações

cuja orientação temporal é voltada para o futuro, com intensa comunicação, que assumem a diversidade como um fator fundamental, um fator que pode gerar conflito, mas que também propicia o desafio e a riqueza de novas idéias.

Assim, para essas organizações, mais importante do que ter grandes cientistas e especialistas, é ter pessoas que resolvam problemas, trabalhem em equipes, ou seja, tenham as competências inter-relacionais, que possuam habilidades multidisciplinares e de comunicação.

Podemos observar que num mundo de crescente complexidade, a necessidade de ser "um eterno aprendiz" constitui hoje o maior desafio para as pessoas e para as organizações.

Não é um desafio fácil de ser enfrentado, pois exige flexibilidade, inteligência, uma postura de questionamento permanente de premissas, de modos de agir, de pensar, o conviver com o tradicional e o moderno, suas consistências e contradições.

## **2.2 ENSINO MÉDIO E TECNOLÓGICO**

A educação é um dos maiores instrumentos de promoção da igualdade de que um país dispõe, mas nem sempre encaminhada com o cuidado e a responsabilidade que o tema exige. A educação é melhor para os mais privilegiados financeira e socialmente.

O modelo de educação atual tem negligenciado uma das funções que dela se exige: ensinar o estudante a aprender, orientá-lo em relação à vida prática e a uma carreira profissional e prepará-lo para o indispensável exercício da cidadania e da democracia. Deve ainda ser capaz de ensinar o jovem a usar as novas tecnologias e formas de produzir bens, serviços e conhecimentos.

O ensino médio público no Brasil passa por momento de expansão numérica, em resposta tanto às conquistas do ensino fundamental, que gerou um expressivo aumento da matrícula para o ensino médio, como pelas exigências de maior escolarização para ingresso num mundo de trabalho cada vez mais competitivo. Aliado a isso, o esforço pela ampliação e melhoria crescente do ensino que repercutirão na conquista de maiores espaços para a economia brasileira, no âmbito

internacional.

Com a aprovação da Lei nº 9.394/96 (Diretrizes e Bases da Educação Nacional), Seção IV, Art. 36 – 4º que trata da Habilitação Profissional, é que tivemos a preocupação de orientar os alunos do ensino médio, para o seu futuro profissional. Há uma demanda por profissionais com formação técnica, identificadas nas solicitações das empresas aos Centros de Formação de Educação Técnica. Acrescida ainda da qualidade e quantidade dos cursos ofertados, bem como, a gratuidade em várias instituições.

Nessa atividade de orientação vocacional/profissional, acreditamos ser possível despertar no estudante a vontade de conhecer as próprias características pessoais e as próprias habilidades e as potencialidades, no sentido de facilitar a elaboração de um Planejamento de Qualificação Profissional, que deve contemplar seus interesses e seus desejos. Devem ser fornecidas informações sobre as profissões, atividades e mercado de trabalho, apontando metas e condições necessárias para a concretização. Essa é uma das formas de minimizar a perda de tempo, a utilização inadequada dos poucos recursos financeiros e a insatisfação futura por falta de conhecimento sobre o mercado e sobre a profissão escolhida.

Observamos que as diversas transformações ocorridas no mundo do trabalho exigem pessoas com espírito empreendedor e polivalente. A escola pública não tem proporcionado isso. Com a aplicação do programa de ação enxergamos uma oportunidade de apresentar alternativas de trabalho e de renda, que por si só, a educação formal, não oferece. Na falta de perspectiva, esses jovens muitas vezes acabam caindo no mercado informal de trabalho, ou mesmo sendo seduzido e recrutado pela criminalidade.

### **2.3 A EXPANSÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

Conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96, a educação profissional está separada do ciclo de educação básica. Com essa reestruturação, a educação profissional está mais focada na habilitação de fato do aluno para o exercício de diversas ocupações. Além disso, atenderá exclusivamente os jovens que realmente queiram trabalhar como técnicos.

Antes dessa reformulação, justamente pela qualidade do ensino, essas escolas técnicas (Escola Técnica Federal, Centro de Tecnologia Estadual “Paula Souza”, etc), sempre foram procuradas por grande quantidade de jovens que não pretendiam ser técnicos, mas sim, preparar-se melhor para o vestibular. Com isso, ficavam de fora muitos estudantes, em geral mais pobres, que precisavam verdadeiramente fazer o curso de qualificação profissional, para poder, no curto espaço de tempo, estarem disponíveis no mercado como técnicos de nível médio.

Ao meu ver essa distorção acabou criando no mercado uma demanda reprimida por técnicos de nível médio e, alguns profissionais com curso superior, principalmente nas áreas de tecnologia, acabaram sendo contratados para realizar atividades de técnicos, causando também nessas pessoas frustrações por realizarem trabalhos "menos desafiantes" para os quais estão capacitados.

O macro objetivo é associar estudo, trabalho e renda, elementos indispensáveis no processo de inclusão social. Existe o curso “Pós Ensino Médio”, formatado para suprir a carência de pessoal qualificado, que somente o curso médio formal não atende, com o seguinte Slogan: **“2 anos, 2 diplomas e uma vida inteira pela frente”**.

A expansão impressionante da matrícula do ensino médio é explicada por três fatores principais: há mais estudantes concluindo o ensino fundamental; mais alunos estão chegando ao final com menos idade, em condições, portanto, de continuar os estudos; e aumentou a demanda por profissionais com maior escolaridade, até por exigência de um mercado de trabalho cada vez mais competitivo.

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em maio de 2003, mais de 45% dos desempregados em seis regiões metropolitanas do país, tinham entre 15 e 24 anos.

Ainda: dos 1,8 milhões de trabalhadores cadastrados no Centro de Solidariedade ao Trabalhador, mantido com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), nada menos que 577 mil têm até 24 anos.

Observamos as análises econômicas e sociais que dizem que apenas um crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) anual de pelo menos 5% seria capaz de gerar emprego suficiente para 1,5 milhão de jovens que chegam a cada ano ao mercado. Concretamente, o que estimula o emprego é o crescimento econômico.

Em todos os países do mundo o desemprego entre os mais jovens é sempre mais alto do que o entre os demais trabalhadores, de acordo com dados da

Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Os fundamentos teóricos do saber oferecidos pelo curso de nível médio encontram sua aplicabilidade na concretude do curso técnico profissional.

Essa afirmação fundamenta os valores da contextualização, da flexibilidade e da interdisciplinaridade. Além disso, visa também proporcionar ao trabalhador uma formação integrada de caráter geral e profissionalizante, otimizando seu tempo e assegurando inserção imediata no mundo do trabalho.

Nos países em que as taxas de desemprego entre jovens são menores contam com modelos de transição do sistema educacional para o de trabalho mais eficiente. É o caso da Alemanha, do Japão, da Áustria e da Suécia, onde as empresas abrem espaços para trabalhadores inexperientes.

Percebemos que aqui no Brasil ainda temos uma transição obstruída entre a formação teórica e a prática no local de trabalho. Podemos observar essa discrepância no crescimento dos centros de educação corporativa, criados por várias organizações para dar conta dessa demanda. Outra situação de ajuste refere-se aos cursos realizados pela Escola Formare, desenvolvidos pela Fundação IOCHPE, que elabora programas específicos para as empresas.

## **2.4 OS POBRES NOS CURSOS TÉCNICOS**

No artigo, "Ponto de Vista", da revista Veja de 30 de junho de 2003, o economista Cláudio de Moura Castro, comenta: levantamento feito pela Fundação Paula Souza, responsável hoje por mais de 100 escolas técnicas, mostra que os alunos dos cursos técnicos do Estado de São Paulo são muito mais pobres hoje que em 1995. Desastre?

Quanto mais esforço para melhorar as escolas técnicas, menos eficazes elas se tornavam em preparar profissionais e, mais elitizada tornava a sua clientela. Isso porque, os filhos de famílias de maior poder aquisitivo acabam buscando uma educação gratuita e de qualidade para melhor prepará-los para os vestibulares mais competitivos, como é o caso das modalidades da engenharia e outras áreas de tecnologia. Os alunos do curso técnico na grande maioria faziam "trampolim" do curso técnico para o superior em áreas tecnológicas mais concorridas. Assim, de fato, quanto melhor o curso menos profissionalizava para atender uma demanda por

profissionais de nível técnico. Inclusive as pessoas de poder aquisitivo mais baixo, não conseguiam entrar pela presença maciça dos "vestibulandos" de classe alta, competindo ferozmente pelas poucas vagas.

Com a reforma do ensino técnico, que separou a parte profissional da acadêmica básica, facilitou a formação do técnico, pois somente se inscrevem, nesses cursos as pessoas que estão efetivamente interessadas na qualificação. O desinteresse das elites pelo lado profissional técnico, abre vagas para os mais pobres, que antes não conseguiam competir, em vestibulinhos com mais de dez candidatos por vaga (nos casos das Escolas Técnicas Federais, SENAI).

Essa ocorrência atual é confirmada com os dados recentes da Fundação Paula Souza que documentam a troca de perfil dos alunos. Aqueles com renda familiar de até cinco salários mínimos passaram de 32% para 57%, ou seja, praticamente dobrou a proporção de alunos de origem muito modesta, legitimamente interessados nos cursos profissionalizantes oferecidos. Enquanto os de onze a vinte salários mínimos caíram de 21% para 8% e a faixa de vinte e um a trinta salários passou de 5% para 1%. Além disso, reconhecendo a importância do ensino técnico e a necessidade de expandir rapidamente o número de vagas disponíveis, a Fundação Roberto Marinho e o Centro Paula Souza, lançaram recentemente o TeleTec - Programa de Formação Técnica e Qualificação Profissional, que aproveita a metodologia do Telecurso e está sendo aplicado aos cursos de: técnico em Administração de Empresas, Secretariado e Gestão de Pequenos Negócios. Além disso, existe atualmente um leque de mais de 200 cursos superiores, que sem informação realmente é mais difícil escolher uma profissão. Assim o programa de ação de orientação vocacional/profissional, evidencia o curso técnico, aproxima a carreira profissional e passa também a ser uma forma de conhecer os desdobramentos de atuação da profissão.

## **2.5 COMPETÊNCIAS E HABILIDADES QUE FAVORECEM O INGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO**

Apoiando-nos no recente relatório da UNESCO da *Commission Internationale Sur L'education pour le vingt et Uniéme Siécle* (Comissão Internacional sobre a Educação para o vigésimo primeiro século) no qual Jacques Delors, ressalta a necessidade de um ensino voltado para as práticas e vivências de sentido

existencial, social, produtivo e cognitivo. Tomando como base os pilares da educação em seu Relatório Jacques Delors, aponta as quatro competências fundamentais:

1. Competência Pessoal (Aprender a ser)

Que consiste na capacidade da pessoa relacionar-se de forma construtiva consigo mesma.

2. Competência Relacional (Aprender a conviver)

É a capacidade da pessoa desenvolver relações interpessoais e sociais de qualidade, com base em valores positivos.

3. Competência Produtiva (Aprender a fazer)

É o desenvolvimento de habilidades que incluem e ultrapassam a capacidade de fazer alguma coisa. Trata-se de habilidades vitais: básicas, específicas e de gestão.

4. Competência Cognitiva (Aprender a conhecer)

Esta competência está relacionada com o que se tem chamado de “metacognição”, que resulta nas condutas inerentes ao processo de ensino aprendizagem.

Aprender o aprender: (Autodidatismo)

Aprender o ensinar: (didatismo)

Conhecer o conhecer: (construtivismo).

O conjunto dessas competências que constituem os quatro pilares da Educação é sintonizado com a formação integral do educando, porque visa prepará-lo como pessoa, cidadão e profissional, com base nessas habilidades:

- **Conhecimentos**

Para compreender a si mesmo e ao mundo de que é parte, para conviver com seus semelhantes, para produzir os bens e serviços necessários à vida, para participar das decisões que dizem respeito ao bem comum, para expressar-se das mais diversas formas e para continuar aprendendo, toda pessoa precisa ter acesso a um conjunto de conhecimentos básicos e imprescindíveis, que variam conforme cada época e cada cultura.

- **Valores**

Não basta que as pessoas tenham oportunidades. É preciso que elas saibam tomar decisões. Cada um de nós é o resultado das oportunidades que teve e das decisões que tomou ao longo da vida. As coisas existem, os valores valem, ou seja, os valores pesam no momento em que o ser humano tem de decidir. Por isso, é fundamental uma educação que propicie ao educando vivenciar, identificar e incorporar valores estruturantes em sua formação.

- **Atitudes**

As atitudes são fontes de atos. Nossos atos frente a esta ou aquela circunstância decorrem de nossa atitude básica diante da vida, ou seja, do nosso posicionamento (visão + significação) diante de nós mesmos e do mundo natural e humano do qual somos parte.

- **Habilidades**

As habilidades, durante muito tempo, foram confundidas com manualidades (trabalhos manuais). Hoje, este reducionismo tornou-se inaceitável e, quando falamos de habilidades, estamos nos referindo aos requisitos básicos para se viver e trabalhar numa sociedade moderna, ou seja, estamos falando das habilidades básicas, específicas e de gestão. Com isso estariam sendo criadas as condições do aprender a ser e do aprender a viver em sociedade. Há assim uma inter-relação entre os quatro pilares e, contando com a visão de complexidade que pode favorecer a harmonia entre a vida individual e social, bem como integrar conhecimentos que o jovem possui, que muitas vezes encontram-se fragmentados. O aprender é um processo de permanente atribuição de sentido, como antídoto à desorientação e perda de significado.

Aprendendo a conhecer implica na valorização dos diferentes saberes, dos diferentes indivíduos: significa, antes de tudo, o treino dos métodos que podem ajudar a distinguir o que é real do que é ilusório e a ter acesso inteligente e crítico ao conhecimento conquistado em nossos tempos, contrapondo a qualidade à quantidade. Por qualidade entende-se aqui, o desenvolvimento de habilidades permanentes de questionamento com relação ao que resiste aos fatos, às imagens, às representações e às formalizações. Portanto aprender a conhecer significa ser

capaz de estabelecer pontes entre as diferentes disciplinas e entre essas disciplinas e os significados em novas habilidades.

A visão de complexidade para o trabalho será um complemento indispensável para a abordagem disciplinar, porque significa a emergência de seres continuamente conectados, capazes de adaptarem-se às exigências cambiantes da vida profissional e, dotados de uma flexibilidade permanente, sempre orientada na direção da atualização de suas potencialidades, bem como, a possibilidade de integrá-los a conhecimentos anteriores que possibilitem pensar realidades mais próximas e mais distantes, relacionadas a projetos. Nesse caso o sujeito se questiona e relaciona os meios utilizados com os resultados obtidos, para poder estabilizar conhecimentos e procedimentos em processos.

Aprendendo a fazer, significa trazer à luz potencialidades criativas. No mundo tumultuado da atualidade, assolado pelas fantásticas mudanças tecnológicas, de um lado, e pela falta de emprego, de outro, há necessidade de conhecer as profissões e desenvolver as competências criativas e cooperativas. Com isso se propiciaria a criação de condições para o aprender a ser e para aprender a viver em sociedade.

O saber compartilhado requer um trabalho organizado e sistematizado com a linguagem, como capacidade humana de articular os significados.

Questão relevante, pois se o conhecimento é a construção que os homens fazem como decorrência de relações contextualizadas e concretas de vida, acerca de si e do outro, diante da complexidade do mundo vivido hoje, as ciências em geral, principalmente as ciências humanas e sociais em particular, obrigam-se a organizar um conhecimento que abarque pensar o homem em sua vivência; considerando a contradição em que o coloca frente a inúmeros desafios que ameaçam sua própria possibilidade de compreensão e de auto-sustentação no mundo.

Os vários níveis de dificuldade a serem superados podem ser resumidos à disposição de continuar se posicionando frente à realidade, promovendo a integração e a articulação dos diferentes conhecimentos disponíveis sobre o ensinar e o aprender.

Podemos considerar essa premissa como uma forma mais contextual e ágil de se relacionar com o conhecimento, inclusive com a tecnologia disponível que propicia o acesso a ele.

## 2.6 FORMAÇÃO E COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

Segundo o Diretor-Geral do SENAI Nacional, José Manuel Aguiar Martins, a certificação profissional passa a ser mais um instrumento de valorização das competências, representada pela capacidade de mobilizar conhecimentos, habilidades, valores e emoções - adquiridas na escola, no trabalho ou por quaisquer meios criativamente, adotados pelos próprios indivíduos.

Trata-se de uma nova postura pessoal de continuar a educar-se e de aprender permanentemente, pois novos conhecimentos são continuamente requeridos pelo mercado de trabalho e pela sociedade. A certificação profissional deve ser vista como uma nova porta que se abre para o reconhecimento e a valorização do aprendizado contínuo e do constante aprimoramento do trabalhador e do cidadão (MARTINS, In Revista **SENAI** Brasil – jan/fev.2003).

As metodologias de Formação e Certificação Baseada em Competências têm a função de oferecer os subsídios necessários para técnicos e docentes atualizarem os currículos do SENAI, desenvolvendo uma prática pedagógica voltada para uma aprendizagem que desenvolva competências genéricas no aluno, necessárias para a atuação do profissional em um contexto de trabalho.

As metodologias atendem ao que preconiza a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.394/96, no que se refere à avaliação e ao reconhecimento de experiências profissionais adquiridas ao longo da vida dos trabalhadores. A certificação profissional possibilitará, por exemplo, que qualquer pessoa obtenha o certificado em sua área, mediante a comprovação de seus conhecimentos na ocupação.

Perrenoud (2000), define competência como sendo a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos, saberes, capacidades, informações etc, para solucionar situações. “Uma competência é mais do que um conhecimento, ela é como um saber que se traduz na tomada de decisões, na capacidade de avaliar, julgar e decidir”. Assim, esse saber interagindo com o fazer garantirá a competência.

### **Algumas competências valorizadas no sujeito:**

- Autoconhecimento e autoconfiança;
- Estabelecer seu próprio balanço de competências - "O que se é e o que gostaria de ser";
- Traçar um projeto pessoal de formação contínua;

- Negociar/priorizar as ações;
- Ter boa cultura;
- Dominar o idioma português;
- Ser fluente em um segundo idioma;
- Lidar bem com a tecnologia;
- Resolver bem sua posição no binômio generalista/especialista;
- Ter foco em sua carreira profissional;
- Ser persistente e paciente;
- Saber trabalhar em equipe;
- Trabalhar com o que gosta de fazer;
- Ter resistência à frustração;
- Observar sua intuição;
- Ter e manter bons relacionamentos;
- Ter espírito empreendedor;
- Ter habilidade para conseguir e se manter no emprego;
- Entender o ritual de transição: de estudante para profissional e de escola para mercado de trabalho. (Instituto Via de Acesso)

Organizar e dirigir situações de aprendizagem, administrar a progressão das aprendizagens, conceber e fazer evoluir dispositivos de diferenciação.

Uma vez construída nenhuma competência permanece adquirida por simples inércia, deve ser no mínimo conservada. Todas essas competências conservam-se graças a um exercício constante. Certamente, após um período sem prática, como natação e andar de bicicleta, elas não estarão assim "tão disponíveis".

Daí a necessidade de atualização contínua, buscando novas abordagens e novos paradigmas. Isso demonstra que os recursos cognitivos mobilizados pelas competências devem ser atualizados, adaptados a condições de trabalho em evolução, portanto devem ser contextualizados.

Uma competência individual é descrita como hábitos de trabalhos mensuráveis e habilidades pessoais utilizadas para alcançar um objetivo de trabalho. Por exemplo: traço de personalidade, liderança, criatividade ou habilidade de apresentação, dentre outras, podem ser expandidas para definições de competência. Essas são competências observáveis, o indivíduo que se conhece melhor tem condições de reconhecer suas habilidades e, conseqüentemente, ter

atitudes mais adequadas às várias situações apresentadas.

As competências técnicas e comportamentais tornam-se ferramentas para a direção e a mudança. Porém, uma competência que supõe uma nova aprendizagem não está disponível para dar conta das situações presentes. Ela não passa de uma possibilidade de competência (GREEN, 2000).

### **Pressupostos para aprendizagem organizacional**

- **Conhecimento**  
Adquirido na educação formal, no treinamento para o trabalho e na experiência profissional acumulada;
- **Capacidade**  
Aqui definidas como funções mentais que se desenvolvem e se manifestam nas experiências vividas: inteligência, orientação espacial e tempo de reação. Essas capacidades são geralmente mensuradas por testes psicométricos, que fornecem estimativas do grau que a pessoa possui de uma capacidade específica, necessária para realizar uma tarefa;
- **Habilidade**  
São aptidões adquiridas no ambiente educacional, no ambiente profissional ou de maneira informal;
- **Atitudes**  
Consiste na integração do conhecimento e habilidades para se realizar bem um trabalho. Essa categoria inclui habilidade de desempenho, atitudes, postura, personalidade e outras características pessoais necessárias, tais como: iniciativa, criatividade, etc.

Apoiamo-nos nesses autores para elaborarmos um programa de ação para Orientação Vocacional/Profissional para adolescentes de Escola Pública. Acreditando poder sensibilizar esses jovens a identificar suas habilidades e desenvolver um planejamento de qualificação profissional que lhe possibilite realizar trabalho e obter renda.

## **CAPÍTULO III – ADOLESCENTE E A ESCOLHA PROFISSIONAL**

### **3.1 A CULTURA E O DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL**

A obra de Vygotsky tem particular importância na medida em que, como afirmam Cole & Scribner (1984, p.7) “ele foi o primeiro psicólogo moderno a sugerir os mecanismos pelos quais a cultura torna-se parte da natureza de cada pessoa”.

Um dos pontos centrais de sua teoria é que as funções psicológicas superiores são de origem sócio-cultural e emergem de processos psicológicos elementares, de origem biológica (estruturas orgânicas). Ou seja, segundo ele, a complexidade da estrutura humana deriva do processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas relações entre história individual e social (VYGOTSKY, 1984).

No início do século XIX existia de um lado um grupo que, baseado em pressupostos da filosofia empirista, enxergava a Psicologia como ciência natural que devia se deter na descrição das formas exteriores de comportamento, entendidas como habilidades mecanicamente constituídas. Esse grupo limitava-se à análise dos processos mais elementares e ignorava os fenômenos complexos da atividade consciente, especificamente humana.

Já o outro grupo, inspirado nos princípios da filosofia idealista, entendia a Psicologia como ciência mental, acreditando que a vida psíquica humana não poderia ser objeto de estudo da ciência objetiva, já que era manifestação do espírito. Este grupo não ignorava as funções mais complexas do ser humano, mas se detinha na descrição subjetiva de tais fenômenos.

Partindo do pressuposto da necessidade de estudar o comportamento humano enquanto fenômeno histórico e socialmente determinado, Vygotsky e seus seguidores se dedicavam principalmente à construção de estudos que pudessem atestar a idéia de que o pensamento é culturalmente mediado, sendo que a linguagem é o meio principal desta mediação.

Todo conhecimento objetivo comporta um conhecimento subjetivo, uma mente que filtra e traduz as mensagens do mundo exterior. O desenvolvimento da ciência não se efetua por acumulação dos conhecimentos, mas por transformação

dos princípios que se organizam. A ciência não se limita a crescer, mas em transformar-se.

A sociedade, entendida como um todo, também se encontra presente em nosso próprio interior, porque somos portadores de sua linguagem e de sua cultura. A cultura é, portanto, parte constitutiva da condição humana, já que sua característica psicológica se dá com a internalização dos modos historicamente determinados e culturalmente organizados de operar com informações. Um dos conceitos de Vygotsky se refere à base biológica do funcionamento psicológico: o cérebro, produto de uma longa evolução, é o substrato material da atividade psíquica que cada membro da espécie traz consigo ao nascer. No entanto, esta base material não significa um sistema imutável e fixo. O cérebro é entendido como um "sistema aberto, de grande plasticidade, cuja estrutura e modos de funcionamento são moldados ao longo da história da espécie e do desenvolvimento do indivíduo" (VYGOTSKY, 1995, p. 42).

Outro ponto diz respeito à característica mediação presente em toda atividade humana. São os instrumentos técnicos e os sistemas de signos, construídos historicamente, que fazem a mediação dos seres humanos entre si e deles com o mundo. A linguagem é um signo mediador por excelência, pois ela carrega em si os conceitos generalizados e elaborados pela cultura humana. Desta forma, entendemos que a relação do homem com o mundo, não é uma relação direta, pois é mediada por meios, que se constituem nas "ferramentas". Isto é exclusivo da espécie humana.

O pressuposto da mediação é fundamental na perspectiva sócio-histórico, justamente porque é por meio dos instrumentos e signos que os processos de funcionamento psicológico são fornecidos pela cultura. É por isso que Vygotsky confere à linguagem um papel de destaque no processo de pensamento.

Uma das teses abordada por Vygotsky, diz que a análise psicológica deve ser capaz de conservar as características básicas dos processos psicológicos, exclusivamente humanos. Este princípio está baseado na idéia de que os processos psicológicos complexos se diferenciam dos mecanismos mais elementares e não podem, portanto, ser reduzidos à cadeia de reflexos. Estes modos de funcionamento psicológicos mais sofisticados, que se desenvolvem num processo histórico, podem ser explicados e descritos. Assim, ao abordar a consciência humana como produto da história social, aponta na direção da necessidade do estudo das mudanças que

ocorrem no desenvolvimento mental a partir do social.

A maior parte dos atos humanos não se baseia exclusivamente em inclinações biológicas.

São inúmeros os exemplos que ilustram a independência do comportamento do ser humano em relação aos motivos biológicos: devido a convicções políticas ou religiosas, o homem é capaz, de jejuar, fazer sacrifícios, se auto-flagelar e até morrer, ou seja, mantém o controle intencional de seu comportamento, para não se sujeitar a elas. Existem situações que reprime e até contraria suas necessidades puramente biológicas.

O homem não vive somente no mundo das impressões imediatas (como os animais), mas também no universo dos conceitos abstratos, já que dispõe, não só de um conhecimento sensorial, mas também de um conhecimento racional. Possui a capacidade de penetrar mais profundamente na essência das coisas do que lhe permitem os órgãos dos sentidos; o desenvolvimento do psiquismo animal é determinado pelas leis da evolução biológica e do ser humano está submetido às leis do desenvolvimento sócio-histórico (VYGOTSKY, 2003).

As características do funcionamento psicológico tipicamente humano não são transmitidas por hereditariedade. Não estão presentes desde o nascimento do indivíduo, nem são adquiridas passivamente graças à pressão do ambiente externo. Elas são construídas ao longo da vida do indivíduo, através de um processo de interação do homem e seu meio físico e social, que possibilita a apropriação da cultura elaborada pelas gerações precedentes, ao longo de milênios. (VYGOTSKY, 2003). Assim, Vygotsky afirma que as origens das atividades psicológicas mais sofisticadas devem ser procuradas nas relações sociais do indivíduo com o meio externo. Entende que o ser humano não só é um produto de seu contexto social, mas também um agente ativo na criação deste contexto.

Vygotsky examinou a origem do complexo psiquismo humano nas condições sociais de vida historicamente formadas, que, segundo ele, estão relacionadas ao trabalho social, emprego de instrumentos e surgimento da linguagem.

Entender o ser humano interagindo com o seu meio, no mundo em que vive, em suas inter-relações, bem como observar as instâncias: biológica, psicológica e social, inerentes à sua essência, seria o primeiro passo para o entendimento do indivíduo em seu "contexto", ou seja, no seu meio, captando suas inter-relações. Estas são "ferramentas" que foram construídas e aperfeiçoadas pela humanidade ao

longo de sua história e fazem a mediação entre o homem e o mundo. Por meio delas o homem não só domina o meio ambiente como o seu próprio comportamento. É por essa razão que Vygotsky procura compreender a evolução da cultura humana (aspectos sociogenético), o processo de desenvolvimento individual (aspectos ontogenético) e se detém especialmente, no estudo do desenvolvimento infantil, período em que estas "ferramentas" são aprendidas, ou seja, é nesse período que acontece o surgimento do uso de instrumentos e da fala humana.

### **3.2 O SER E O MEIO AMBIENTE: UNIDADE NECESSÁRIA**

Na abordagem Vygotskyana, organismo e meio exercem influência recíproca, o biológico e o social não estão dissociados o que ocorre não é uma somatória entre fatores inatos e adquiridos e sim, uma interação dialética que se dá, desde o nascimento, entre o ser humano e o meio social e cultural em que o indivíduo se insere.

Assim, Bateson (1985), baseando-se no pensamento sistêmico, partilha dessa idéia, quando afirma que para compreender o psiquismo humano, deve-se estudar o homem e seu ambiente como uma interação necessária.

O desenvolvimento está intimamente relacionado ao contexto sociocultural em que a pessoa se insere e se processa de forma dinâmica, através de rupturas e desequilíbrios provocados de contínuas reorganizações por parte do indivíduo.

Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social.

Vygotsky também discorda da visão meramente ambientalista, pois para ele, o indivíduo não é resultado de um determinismo cultural, ou seja, não é um receptáculo vazio, um ser passivo, que só reage às pressões do meio, e sim um sujeito que realiza uma atividade organizadora na sua interação com o mundo, capaz inclusive de renovar a própria cultura. Parte do pressuposto de que as características de cada indivíduo vão sendo formadas a partir da constante interação com o meio, entendido como mundo físico e social, que inclui as dimensões interpessoal e cultural.

As características individuais, modo de agir, de pensar, de sentir, valores,

conhecimentos, visão de mundo etc. dependem da interação do ser humano com o meio físico e social. Vygotsky chama à atenção para a ação recíproca existente entre o organismo e o meio e atribui especial importância ao fator humano presente no ambiente.

Nesse processo, o indivíduo, ao mesmo tempo internaliza as formas culturais, se transforma e intervém em seu meio. É, portanto na relação dialética com o mundo que o sujeito se constitui e se liberta. É um ser em construção.

O desenvolvimento está intimamente relacionado ao contexto sociocultural em que a pessoa se insere e se processa de forma dinâmica, por meio de rupturas e desequilíbrios provocados pelas contínuas reorganizações do indivíduo.

Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social.

Para Munhoz (2001), o nível de equilíbrio emocional/intelectual cria padrões de reação próprios de cada um, desenvolve-se em contato com o ambiente, em diferentes formas de interação, possibilitando, ou não, ao sujeito atingir a liberdade para escolher, a responsabilidade para assumir e a autonomia para decidir.

Na perspectiva Vygotskyana, o desenvolvimento das funções intelectuais especificamente humanas é mediado socialmente pelos signos e pelo outro.

O que parece fundamental nessa interpretação da formação do sujeito é que o movimento de individualização se dá a partir das experiências propiciadas pela cultura. Portanto, o desenvolvimento envolve processos que se constituem mutuamente, de imersão na cultura e emergência da individualidade.

Nessa perspectiva, é o aprendizado que possibilita o processo de desenvolvimento. Desse ponto de vista, o aprendizado é o aspecto necessário e universal, uma espécie de garantia do desenvolvimento das características especificamente humanas e culturalmente organizadas. As relações entre desenvolvimento e aprendizagem ocupam lugar de destaque na obra de Vygotsky.

No entanto, se o meio ambiente não desafiar, exigir e estimular o intelecto do adolescente, esse processo poderá se atrasar ou mesmo não se completar, ou seja, poderá não chegar a conquistar estágios mais elevados de raciocínio. Isto significa que o pensamento conceitual é uma conquista que depende não somente do esforço individual, mas principalmente do contexto em que o indivíduo se insere, que define, aliás, seu "ponto de chegada".

Somente a possibilidade de apropriar-se (fazer próprios os conhecimentos) constrói o saber. Incorporar os conhecimentos, fazer o processo de mediação dos mesmos. O saber permite apropriar-se dos conhecimentos e o aprender os supõe. Sintetizando esse processo de desenvolvimento que tem caráter mais de revolução que de evolução, o sujeito se faz como ser diferenciado do outro: singular, mas constituído socialmente e, por isso mesmo, numa composição individual, única.

Percebemos claramente isso, pelo vigor que os adolescentes em processo de escolha profissional discutem, evidenciando que o sujeito do conhecimento não tem um comportamento contemplativo diante da realidade. Pelo contrário, são constantemente estimulados pelo mundo externo e como consequência internalizam, de modo ativo, o conhecimento (conceitos, valores, significados) que foi construído pelos homens ao longo da história.

Dessa forma, busca construir uma relação saudável com o conhecimento, de modo a facilitar a sua construção e evitar que ocorram obstáculos para esse processo do aprender: construção do conhecimento e construção de si mesmo, como sujeito criativo e pensante.

Assim, como consequência, ampliar a ação nesse espaço que ele habita ao se identificar com a construção do seu conhecimento, a fazer suas escolhas.

### **3.3 LINGUAGEM COMO MEDIAÇÃO SIMBÓLICA**

A interação do ser humano com seu meio é mediada pela linguagem.

Compreender a questão da mediação, que caracteriza a relação do homem com o mundo e com os outros homens, é de fundamental importância, justamente porque é através deste processo que as funções psicológicas superiores, especificamente humanas, se desenvolvem.

Vygotsky distingue dois elementos básicos responsáveis por essa mediação: o instrumento, que tem a função de regular as ações sobre os objetos. E o signo, que regula as ações sobre o psiquismo das pessoas.

O signo pode ser considerado aquilo (objeto, forma, fenômeno, gesto, figura ou som) que representa algo diferente de si mesmo. Ou seja, substitui e expressa eventos, idéias, situações e objetos como auxílio da memória e da atenção humana. Como por exemplo, no código de trânsito, a cor vermelha é o signo que indica a

necessidade de parar, assim como a palavra copo é o signo que representa o utensílio para beber líquido.

Partindo destes princípios Vygotsky procura analisar a função mediadora presente nos instrumentos elaborados para a realização da atividade humana. O instrumento é provocador de mudanças externas, pois amplia a possibilidade de intervenção na natureza (na caça, por exemplo, o uso da flecha permite o alcance de um animal distante ou, para cortar uma árvore, a utilização de um objeto cortante é mais eficiente do que as mãos).

Vygotsky compara a criação e a utilização de instrumentos como auxílio nas ações concretas e os signos, que ele chama de "instrumentos psicológicos", que têm a função de auxiliar o homem nas suas atividades psíquicas, portanto, internas ao indivíduo.

Invenção e o uso de signos auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher etc.) é análoga ao uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico. O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho (VYGOTSKY, 1984, p. 59-60).

Vygotsky (1987) dedica especial atenção à questão da linguagem, entendida como um sistema simbólico fundamental em todos os grupos humanos, elaborado no curso da história social, que organiza os signos em estruturas complexas e desempenha um papel imprescindível na formação das características psicológicas humanas. Através da linguagem é possível designar os objetos do mundo exterior, como por exemplo, a palavra faca que designa um utensílio usado na alimentação; ações como cortar, andar, ferver; qualidades dos objetos, como flexível, áspero e, as que se referem às relações entre os objetos, tais como abaixo, acima, próximo.

O surgimento da linguagem imprime três mudanças essenciais nos processos psíquicos do homem.

A primeira se relaciona ao fato de que a linguagem permite lidar com os objetos do mundo exterior mesmo quando eles estão ausentes. Por exemplo, a frase: "O vaso caiu" permite a compreensão do evento mesmo sem tê-lo presenciado, pois operamos com esta informação internamente.

A segunda se refere ao processo de abstração e generalização que a linguagem possibilita, isto é, através da linguagem é possível analisar, abstrair e generalizar as características dos objetos, eventos, situações presentes na realidade. Como por exemplo, a palavra árvore, independente de seu tamanho, se é

frutífera ou não etc. Nesse caso, a palavra generaliza o objeto e o inclui numa determinada categoria. Desse modo, a linguagem não somente designa os elementos presentes na realidade, mas também fornece conceitos e modos de ordenar o real em categorias conceituais.

A terceira está associada à função de comunicação entre os homens que garante, como consequência, a preservação, transmissão e assimilação de informações e experiências acumuladas pela humanidade ao longo da história.

A linguagem é um sistema de signos que favorece o intercâmbio social entre indivíduos que compartilham desse sistema de representação da realidade.

Desse modo, os sistemas simbólicos (entendidos como sistemas de representação da realidade), especialmente a linguagem, funciona como elementos mediadores que permitem a comunicação entre os indivíduos, o estabelecimento de significados compartilhados por determinado grupo cultural, a percepção e interpretação dos objetos, eventos e situações do mundo circundante. É por essa razão que Vygotsky afirma que os processos de funcionamento mental do homem são fornecidos pela cultura, através da mediação simbólica.

A partir da inserção do indivíduo num dado contexto cultural, de sua interação com membros de seu grupo e de sua participação em práticas sociais historicamente construídas, o indivíduo incorpora ativamente as formas de comportamentos já consolidadas nas experiências humanas.

Nessa dissertação nos apoiamos na linguagem por apresentar um caráter individual e por se caracterizar como a nossa criação dentro dos limites da língua, como expressão simbólica da imagem mental, traduzindo a realidade de cada um e facilitando a nossa interpretação, que possibilitou nosso trabalho de orientação.

Pensar o indivíduo no contexto da escolha é extremamente complexo, segundo Munhoz (2001), porque lida com o próprio desenvolvimento da identidade dos indivíduos como pessoas, com a aquisição dos padrões interacionais, afetivos e comunicacionais, bem como com crenças, valores e mitos implícitos nas expectativas e significados das escolhas.

Todos esses aspectos constroem-se em interação mútua e constante entre o indivíduo, sua família, a escola e o meio sociocultural, no transcurso das fases evolutivas do ciclo da vida individual e familiar que refletem as transformações de valores e crenças da cultura em constante mudança.

É importante reforçar que a cultura, entretanto, não é pensada por Vygotsky

como um sistema pronto ao qual o indivíduo se submete, mas como uma espécie de "palco de negociações", em que os indivíduos estão num constante movimento de recriação e re-interpretação de informações, conceitos e significados.

### **3.4 A APRENDIZAGEM E A AUTONOMIA DA ESCOLHA**

É na família, principal núcleo de papel formador, que a criança aprende não apenas como se comportar, mas também a falar, a conhecer seu lugar no mundo, tomando aí a noção básica de confiança.

O segundo núcleo é a escola que, além de ser o principal espaço de socialização, é também a primeira oportunidade de testar e resignificar as injunções provenientes da família. É, portanto, uma instância também definitiva na formação do auto-conceito. A forma como o indivíduo se desenvolveu irá determinar muitas das crenças sobre si e sobre o mundo.

Consideradas essas variáveis, aprender é um processo que pressupõe pôr em ação diferentes sistemas que intervêm em todo sujeito: a rede de relações e códigos culturais e de linguagem que tem lugar em cada ser humano. A aprendizagem, afinal, é responsável pela inserção do sujeito no mundo da cultura.

A educabilidade de processos cognitivos pressupõe uma educação integral, isto é, que não apenas tenha como objetivo o desenvolvimento intelectual, mas que esse esteja em comunhão com o contato do indivíduo consigo mesmo, com seus sentimentos, sensações, auto-percepções e experiências.

O indivíduo, em qualquer sociedade, recalca a conscientização dos sentimentos e fantasias que são incompatíveis com os padrões de pensamento de sua sociedade. A força que efetua esse recalque é o medo de ficar isolado e de se tornar um pária por ter pensamentos e sentimentos não compartilhados.

A compreensão do inconsciente do indivíduo pressupõe e carece da análise crítica de sua sociedade. Quer se estude a sociedade ou os indivíduos, sempre se está lidando com seres humanos e isso quer dizer que se lida com suas motivações inconscientes; não se pode separar o homem como indivíduo do participante social.

Atualmente não basta mais que o trabalhador saiba "fazer". É preciso também "conhecer" e, acima de tudo, "saber aprender". Esse novo perfil responde a requisitos da própria inovação tecnológica e organizacional, tais como relacionamento interpessoal, criatividade, pró-atividade, flexibilidade, etc. A extensão

do perfil profissional, entendido como valorização das ditas habilidades e competências, não é, contudo, apenas uma questão de desempenho técnico. Contempla-se também uma dimensão de ética e cidadania, ações como trabalhos voluntários, consciência ambiental, saber ler e interpretar a realidade, expressar-se verbalmente e por escrito com clareza e objetividade, bem como saber lidar com conceitos científicos e matemáticos abstratos e trabalhar em equipes para a solução de problemas, são alguns dos requisitos definidos como competências profissionais que complementam a boa performance individual e organizacional. Se o mercado exige empresas competitivas, essas organizações estão inseridas em uma sociedade que também vêm exigindo cidadãos competentes nessas questões, para enfrentar com criatividade e agilidade os desafios impostos pelo mercado cada vez mais competitivo, que estão ocorrendo de forma cada vez mais veloz e complexa no mundo do trabalho.

Portanto, o "saber aprender", configura-se numa estratégia e diferencial do conhecimento, cada vez mais global e sistêmico, levando o indivíduo a reconhecer *a priori* suas necessidades e desejos, que eventualmente possam facilitar a sua escolha profissional.

Em Freire (1979), uma das premissas para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir. Se a possibilidade de reflexão sobre si, sobre seu estar no mundo, associada indissolivelmente à sua ação sobre o mundo, não existe no ser, seu estar no mundo se reduz a um não poder transpor os limites que lhe são impostos pelo próprio mundo, do que resulta que este ser não é capaz de compromisso. É um ser imerso no mundo, no seu estar, adaptado a ele e sem ter dele consciência. Sua imersão na realidade, da qual não pode sair nem "distanciar-se" para admirá-la e, assim, transformá-la, faz dele um ser "fora" do tempo ou "sob" o tempo ou, ainda, num tempo que não é seu. O tempo para tal ser "seria" um perpétuo presente, um eterno hoje. Portanto, é preciso transformar essa realidade. O hoje para vários adolescentes da rede pública que trabalhamos se apresenta sem muita perspectiva, com falta de orientação e informação inclusive para elaborar um projeto de qualificação profissional que facilite a sua inserção no mercado de trabalho.

O papel da Orientação Vocacional/Profissional é contribuir para que se estabeleça uma relação crítica com as informações apresentadas. Essa relação pode se estabelecer através das vivências/experiências e da reflexão dos sujeitos

envolvidos. Como provocar nos adolescentes novos interesses de forma a ampliar suas necessidades para a qualificação profissional, uma vez que essa demanda não é experimentada em Sua vida cotidiana?

Com isso, percebemos que a criação de novos motivos exige, em primeiro lugar, que o adolescente tenha oportunidades de conhecer e vivenciar experiências diversificadas para que possa atribuir sentido a essa atividade. Acreditamos que esta será uma pré-condição para que essa ação se torne uma atividade significativa, essas experiências precisam ser bem elaboradas para que o jovem envolva-se inteiramente em sua realização e que o resultado da atividade motive seu fazer e, com isso, criem nele um novo desejo, uma nova necessidade, um novo prazer, de aprender.

Para isso, no entanto, é preciso que o adolescente seja encorajado e considerado como alguém que, se não sabe, é capaz de aprender. Superar a desconfiança em relação às suas capacidades é um desafio a ser vencido.

A educação para o trabalho, nos moldes atuais, traz no seu bojo a dualidade, representada na necessidade de promover a continuidade nos estudos e, ao mesmo tempo, se qualificar profissionalmente para atender as necessidades do mercado que, a todo o momento, se atualiza, em função das mudanças geradas pelos modos de produção, avanços tecnológicos, alta competitividade e economia planetária. Na perspectiva histórico-cultural vigotskiana e suas atualizações, enaltecem a importância do aprendizado através da ação e das interações com o meio sócio-cultural, possibilitando o desenvolvimento das pessoas. O trabalho de Orientação Vocacional/Profissional constitui-se em transformar objetivo em resultado. Em função disso, o trabalho é modificado, atualizado e desenvolvido visando à satisfação das necessidades dos indivíduos em sociedade. Essas atividades têm suas implicações no modelo de educação para o trabalho, na medida em que as escolas formam seus técnicos em suas habilitações específicas e coloca-os à disposição do mercado de trabalho. É no trabalho que ela se manifesta. Na atividade profissional. No motivo, voltado para o resultado. Cabe a cada qual, buscar seu diferencial competitivo e “abocanhar” as oportunidades oferecidas, cientes de que necessita estar sempre atualizado.

O caráter subjetivo da aprendizagem às vezes é negligenciado. Muitas vezes pretende-se despertar o desejo de aprender apelando para "Estudar é necessário para se obter um bom trabalho", "Para ganhar dinheiro" ou "Para ser reconhecido

socialmente". Dessa forma desmente-se o que, lamentavelmente, a sociedade atual oferece (escassez de empregos, baixos salários etc...) e, o que é mais grave, desvirtua-se o ato e o objeto de aprender, deixando assim crianças e adolescentes fora da possibilidade de reconhecer seu próprio desejo de aprender.

O ensinante é alguém que **crê e quer** que o aprendente aprenda. Esses dois verbos se interrelacionam com outro: **criar**, resultando num outro que é o **saber**.

O aprender é acompanhado de vontade, desejo e energia, pois são esses ingredientes que nutrem o terreno onde se processa a aprendizagem, a construção da autoria. Isto supõe uma margem de liberdade e de criatividade para se propor metas e construir-se a si mesmo em função daquilo que tem como sonho, seu desejo de ser, a sua maneira de estar no mundo, em comunicação com os outros.

O essencial aprender/saber é que o sujeito se constrói, através da autonomia, do prazer em superar limites, prazer de transcender o tempo e o espaço, prazer de apropriar-se de sua autoria produtiva.

Dessa forma essa experiência de realização subjetiva, requer que o ensinante se abstenha de impor ao aprender um fim exclusivamente utilitário ao saber.

O sistema educacional é responsável pelo ensino sistematizado dos conhecimentos acumulados pelo homem ao longo de sua história, os quais compõem a cultura em que a sociedade está imersa. A escola está distante da demanda da sociedade atual, da cultura globalizada, que exige habilidades analíticas, técnicas e interpessoais. A escola entendida como um subsistema da sociedade, estar focada para o conhecimento, mas também deveria estar compromissada com a socialização para equilibrar as relações interpessoais, estimular os indivíduos a se autoconhecer para facilitar a identificação de seus interesses e habilidades para realizar suas escolhas e viverem de forma mais contextualizada nessa sociedade.

Sentimos a importância de se obter uma visão sistêmica, com o propósito de buscar uma compreensão mais integradora entre esses subsistemas e o contexto social, no qual o sujeito, futuro profissional, estará inserido em todo seu conjunto biopsicossocial, terá a autonomia que lhe permitirá o sentido de pertencimento e de diferenciação, de ser humano singular e múltiplo.

Reconhecidos seus desejos, habilidades e competências, seguramente esse sujeito realizará suas escolhas com maior segurança, compreendendo com mais clareza as várias interfaces, do pensamento complexo, através do

### **conhecer/aprender/saber/fazer.**

Para que ocorra essa interdisciplinaridade deve haver maior aproximação nos vários segmentos (quem educa/qualifica e as organizações que contratam os profissionais). Há necessidade de provocar e estimular essa reflexão, no sentido de construção de novo momento histórico, social e político que faça “frente” a todas essas demandas, inclusive de qualificação técnica profissional do momento.

A necessidade de intervirmos nessa realidade, o mundo do trabalho em mudanças, sem necessariamente destruir o construído, mas reconstruir. Pois o trabalho como já dissemos é uma importante forma de inclusão social do indivíduo.

Todas as partes se desenvolvem paralelamente e em conjunto. O desenvolvimento não acontece linearmente numa seqüência de justaposições, mas as interações ocorrem na circularidade das ações e reações.

Essas são algumas questões que nos levam a acreditar na necessidade do sujeito se conhecer melhor, reconhecer em si características e potencialidades, bem como, as competências que necessita adquirir para que possa ponderar, avaliar e realizar a sua escolha profissional.

Devemos reconhecer a função positiva da ignorância na medida em que só a partir do reconhecimento das limitações, das ausências, da falta de algo podemos mobilizar e partir em busca da satisfação.

Em toda aprendizagem, põe-se em jogo uma certa cota de temor, o qual nem sempre deve ser associado ao medo de mudança, mas aceito como próprio do encontro com a responsabilidade de que a autoria supõe. O desafio com o encontro do novo e com o fazer-se responsável por tê-lo procurado é inerente à aprendizagem. O desejo costuma estar vestido com a roupagem do medo.

O desejo de conhecer supõe o contato com a carência, com a saída da onipotência. Alguns problemas de aprendizagem têm sua ancoragem em certa dificuldade para conectar-se com a própria carência, com a fragilidade humana.

O ato de conhecer, sempre foi muito complexo e ao investigar essa complexidade, o encontro com a interação entre as significações e as resignificações do aprender, faz-se necessário integrar-se ao processo.

Aprender é apropriar-se da linguagem; é historiar-se, recordar o passado para despertar-se ao futuro; é deixar-se surpreender pelo já conhecido. Aprender é reconhecer-se, admitir-se, crer e criar (FERNANDEZ, 2001, p. 36).

A compreensão que temos do trabalho de Orientação Vocacional/Profissional

é imaginar e representar-se no futuro desejado, reinterpretar o passado e o presente em função dessa atividade antecipatória. À medida que os sujeitos começam a pensar e a reconhecer-se pensantes, podem, por sua vez, escolher mudar a realidade circundante. A realidade é mutável, abre-se e fecha-se. Abre-se com uma decisão, com um ato, e fecha-se com algo que se tira, se frustra e se perde.

Escolher é apropriar-se do desejar a partir de um trabalho de pensamento: "Eu tenho vontade de aprender". Escolher é um ato privilegiado de articulação entre o desejar e o pensar. Pensar, autorizar-se a pensar, supõe autorizar-se a mudar a realidade, a questionar aquilo que está a transformá-la, a incluir modificações. É dessa forma que compreendemos ao nos apoiarmos no pensamento de Vygotsky (1984) quando afirma que o sujeito ao aprender, interage e vai transformando o meio num processo dialético.

### **3.5 ORIENTAÇÃO VOCACIONAL/PROFISSIONAL**

No processo de orientação profissional, separar o vocacional do profissional é manter a dicotomia entre ser e fazer: faz-se necessário assumir o vocacional/profissional, o indivíduo no seu fazer, em existência ativa.

No vocacional tem-se uma relação íntima e dialogada com o sentido que se encontra para a vida, é o que se pretende ser.

No profissional é o fazer que permite agir neste sentido de vida. O vocacional sem o profissional é somente fantasia, sonho, esperança. O profissional sem o vocacional é alienação, automatização, fazer sem sentido.

Bock (2002) assume que o processo de escolha profissional é determinado pela cultura educacional/profissional de uma classe social ou de uma sociedade. Assim, assume um modelo em que defende uma relação dialética entre os determinantes individuais (fruto da história de vida) e sociais (incluindo as dimensões políticas e econômicas) do processo.

Dessa forma, a abordagem histórico-social garante um adequado suporte teórico ao assumir o psiquismo humano como uma construção social, resultado do processo de apropriação pelo indivíduo, dos elementos culturais; tal processo, no entanto, é sempre realizado através da mediação de outros agentes culturais.

Algumas dificuldades nas escolhas permeiam os estereótipos de profissões: questões familiares, valores, interesses, representações das atividades sociais que

envolvem o trabalho etc.

No programa de ação de orientação vocacional/profissional procuramos garantir uma escuta/leitura atenta quanto as auto-percepção e interesses desses adolescentes em relação às aquisições atitudinais, como um espelho da subjetividade do sujeito, capaz de provocar grandes movimentos de aprendizagem/reaprendizagem, propiciando um se recontextualizar como sujeito autor.

Bock, citando ainda Osvaldo de Barros Santos (1974, p.54), um dos pioneiros em orientação profissional no Brasil, define aptidão como:

A "habilidade natural para determinado gênero de atividade e que depende de muitos fatores para transformar-se em "capacidade real e efetiva". A capacidade, segundo ele, é uma habilidade adquirida a partir ou não de uma aptidão.

"De uma forma geral, sabe-se que as aptidões podem permanecer ocultas e apenas potenciais, quando fatores outros (orgânicos, psicológicos e sociais) não favorecem sua manifestação" (SANTOS, 1974, p. 54).

O interesse profissional é definido como "atração, preferência, gosto; sentimento de satisfação por determinado tipo de atividade", apud BOCK, 2002 (SANTOS, 1974, p. 54).

Para fins de Orientação e Escolha Profissional, Santos (1974) diz ser mais operacional trabalhar com os conceitos de traços de personalidade, motivos e emoções.

Essas posições legitimam o programa de orientação vocacional/profissional com ênfase na abordagem comportamental e reforçada pela necessidade do adolescente ter as informações necessárias para auxiliar a realização da escolha da profissão. Sendo a linguagem um recurso estratégico auxiliar, através dela o orientando vai se percebendo e se reconhecendo, identificando seus gostos, preferências e sentimentos de conforto, ou não, aproximando o cotidiano da profissão para estimular a escolha profissional.

Com base na Teoria da Complexidade de Morin e a abordagem Histórico-Social de Vygotsky, nos encorajamos a realizar a Orientação Vocacional/Profissional como um processo de intervenções planejadas que possibilitem ao jovem aproximar-se, ao máximo, dos determinantes da escolha. Tal opção implica um aprofundamento do exercício da reflexão sobre os seus múltiplos determinantes. É um momento de "parar para pensar, colocar as idéias em ordem", organizar e ampliar as concepções e crenças, visando à escolha profissional, que também é vista como um ato de coragem. Pois, tanto as habilidades humanas, quanto o mercado de trabalho, são construções históricas e, portanto, em permanente

reformulação.

É nessa perspectiva que o programa por nós desenvolvido deve investir, no propósito de estimular a inteligência geral, a aptidão para problematizar, a capacidade de interligar os conhecimentos e alcançar resultados para facilitar a escolha profissional.

### 3.6 QUEM É ESSE INDIVÍDUO QUE ESCOLHE?

Entendemos a subjetividade como o mundo interno, produzido ativamente pelo sujeito a partir de suas interações com o mundo externo.

O adolescente tem recebido diretamente o impacto das mudanças que tornam cada vez mais rarefeitas as oportunidades de exercer uma atividade produtiva, criativa e satisfatória para garantir sua sobrevivência. Enfrenta a realidade de uma educação bastante deficitária para proporcionar-lhe conteúdo reflexivo a fim de que possa transitar de um nível a outro na tentativa de apreender esse fenômeno. Pressupõe-se por vezes esse conhecimento como pré-requisito para transitar do mundo interior para o exterior, compreendendo suas habilidades, interesses, vontades e assim, vislumbrar um planejamento de alternativas para sua vida profissional.

Bock (2002) em seu livro *Vocacional: Teoria, Técnica e Ideologia* (1983) comentando a obra "Orientação Vocacional: A Estratégia Clínica", de Bohoslavsky, reforça que todos os textos dessa obra chamam à atenção dos aspectos sociais e ideológicos contidos na escolha profissional. Abordando o que chamou de "a reformulação da estratégia clínica", sintetiza:

Descortina-se uma perspectiva teórica árdua. Nada mais, nada menos que construir modelos que revelem a articulação entre o sistema social imposto aos homens e os sujeitos que sustentam, o mantêm, o transmitem, mas que - é bom levar-se em conta - também o transformam. Esta é uma tarefa difícil que ora menciono só a título de programa a ser desenvolvido.

Algo que hoje para mim está claro é a necessidade de se distinguir nitidamente entre o ego da escolha-decisão e o sujeito da vocação se a liberdade do ego deverá ser mais uma ilusão, ideologicamente condicionada, isso só será possível graças ao reconhecimento da distância entre essa liberdade aparente e a sujeição a três ou quatro estruturas fundamentais de sua condição humana. Refiro-me à estrutura social, à ideologia, aos sistemas de significação, ao inconsciente (BOCK, 2002, p. 66).

Nesse texto de Bock (2002), compreendemos a contribuição excepcional da visão de Vygotsky, com a abordagem sócio-interacionista na compreensão da relação do indivíduo-sociedade, de forma dialética, e não idealista ou liberal; dentro da proposta de compreender o indivíduo como ator e ao mesmo tempo autor de sua individualidade.

Em nosso trabalho, optamos pela utilização da terminologia de orientação vocacional/profissional porque acreditamos que ela propicia ao orientando tomar contato com esse universo: sujeito e profissões, desvelando as imagens das diferentes profissões a fim de facilitar a escolha profissional, clarificando os desejos; a partir dos conteúdos inconscientes e da linguagem representada, criando assim novos enfoques e construindo novos saberes.

Cada vez mais se consolida a importância de compreender o distanciamento entre a imagem da profissão e a realidade vivida pelo sujeito, bem como compreender as crenças e valores que fazem o indivíduo ter determinada imagem da profissão.

### **3.7 O QUE VOCÊ VAI SER QUANDO... O MERCADO CRESCER?**

O mercado de trabalho está mudando com muita velocidade. Profissões antes "inimaginadas" não param de surgir: na tela do Designer de *Games*, no escritório do Advogado Eletrônico, na mesa do Gestor Ambiental, onde quer que apareça uma necessidade. O adolescente de hoje poderá tornar-se "especialista" numa profissão que ainda nem existe.

As transformações ocorridas na organização do mercado e nas relações do trabalho, principalmente nas últimas décadas, apontam na direção da orientação vocacional/profissional uma importância apenas comparada ao desenvolvimento gerado pelas práticas utilizadas pelo exército americano na seleção de pessoal para atuar em suas fileiras na Segunda Guerra Mundial. Naquela época, indivíduos e ocupações eram "rotulados" com a precisão dada pela certeza de que os primeiros poderiam ser conhecidos com a aplicação de testes psicométricos. A função desses testes é medir diferenças entre indivíduos, ou entre as reações do mesmo indivíduo em diferentes ocasiões. Tal "objetividade e infalibilidade" são inclusive questionáveis desde os fundamentos originais das provas psicométricas, se levarmos em conta,

por exemplo, que foram esboçadas para outro contexto sociocultural, e que se utilizam para a quantificação de parâmetros correspondentes àquela população de origem. Porém, isso não invalida o instrumento. Há necessidade de conhecer seus limites e avançar em seu ajuste teórico e prático. Portanto, os instrumentos deverão ser contextualizados.

Os instrumentos em geral mensuram as aptidões, inventariam ou testam os interesses e descrevem a "personalidade" do indivíduo.

O manual dos testes de aptidões específicas DAT (*Differential Aptitude Tests*), que foi traduzido e adaptado para o Brasil pelos técnicos do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da Fundação Getúlio Vargas, em 1955, define aptidão como:

Condição ou conjunto de características consideradas sintomáticas da habilidade com que um indivíduo (mediante treinamento) pode adquirir conhecimentos, destrezas, conjuntos e reações usualmente especificadas, como a habilidade de falar um idioma estrangeiro, de compor uma música (BENNET SEASHORE & WESMAN, apud Bock, 2002, p. 30).

Dessa forma, consideramos os testes como um meio e não como um fim, podendo ser utilizado em um diálogo em cujo transcurso facilite e clarifique um sentido, considerando as possibilidades de erros e não como textos legislativos que ordenam tal ou qual orientação.

O mundo vem mudando radicalmente as relações produtivas, entendendo o trabalho não só aquele restrito à produção de bens materiais, mas aquele pelo qual o homem constrói sua própria história, transformando a natureza e colocando-a socialmente a seu serviço. Nesse sentido, ação e pensamento convivem harmônica e indissolúvelmente. Nesse ambiente em transformação, exige-se hoje profissionais cada vez mais qualificados, que saibam identificar o que é realmente relevante para o trabalho, que possuam flexibilidade, articulação, autonomia de pensamento e ação, capacidade de integrar conhecimentos vindos de várias áreas. Essas habilidades são valorizadas no mercado de trabalho e perseguidos pelas áreas de Recursos Humanos/Gestão de Pessoas das organizações.

A formação da personalidade é criada por atitudes, habilidades, gostos, aversões e auto-imagens, dando origem a comportamentos repetidos, os quais no decorrer da vida, criam a individualidade, considerada esta como algo que distintivamente pertence à pessoa.

Atualmente vivemos um novo paradigma. Indivíduos não podem ser

"apreendidos" apenas pela aferição de fatores e traços passíveis de serem verificados por resultados de avaliações externas e padronizadas. Pessoas são suas crenças e as interpretações que fazem das explorações e vivências nas diversas situações a que se expõe ao longo da vida.

As ocupações, por sua vez, eram descritas, pois vistas como limitadas e permanentes. As ocupações, hoje, mudam com muita velocidade e toda descrição que se pretenda fazer torna-se prematura e obsoleta num curto espaço de tempo.

O profissional do futuro deve se preparar para ser multidisciplinar, pois não encontro palavra mais adequada para qualificar o trabalhador nesse cenário dinâmico e versátil que se desenha. Este novo profissional precisará conhecer sua área tanto quanto possuir uma formação que lhe permita ter uma visão abrangente das diversidades da sociedade contemporânea.

Em geral, as mudanças que a tecnologia provocou nas profissões não estão sendo acompanhadas na mesma velocidade pelas grades curriculares das escolas. Portanto, esse enquadre diferenciado que propomos ao focalizar o autoconhecimento no processo de orientação vocacional/profissional é oportuno e necessário, juntamente com a validação do capital intelectual ou capital do conhecimento tão valorizado pelas organizações nesse contexto de mudanças aceleradas. Assim, o autoconhecimento pode oferecer ao sujeito uma importante contribuição nessa trajetória de facilitar o percurso na construção do capital intelectual, do saber.

Nesse processo de orientação vocacional/profissional, é dado lugar a uma prática menos tecnicista, mais analítica, derivada de posturas teóricas mais explicativas e mais dinâmicas, privilegiando o processo de escolha e as dificuldades dele decorrente, colocando no orientando a responsabilidade da escolha pelo poder de auto conhecimento, que não pode ser dado por nenhum instrumento de avaliação externa ao sujeito.

O trabalho de orientação vocacional/profissional recebe também a contribuição da teoria postulada por Donald Super (1957 & 1963). Para esse teórico e pesquisador norte-americano, o desenvolvimento vocacional é um processo irreversível que se estende por toda a vida, passando por etapas determinadas, que envolvem tarefas evolutivas características.

As etapas de desenvolvimento vocacional propostas por Super para o desenvolvimento humano são, a saber:

- Crescimento (Infância)
- Exploração (Adolescência)
- Estabelecimento/Fixação (Adulto/jovem)
- Manutenção (adulto/média)
- Declínio (aposentadoria/velhice)

O enfoque operatório é introduzido por Pelletier et al. (1977), que propõe a operacionalização do estágio de Exploração descrito por Super. Estes autores propõem as seguintes tarefas como evolutivas deste estágio de exploração: cristalização, especialização e realização.

As tarefas consideradas evolutivas são comportamentos que o indivíduo deve emitir como resposta a demandas sociais em interação com competências adquiridas com o desenvolvimento geral, cujo enfrentamento com o sucesso favoreceria a passagem para tarefas e aquisições posteriores. As tarefas mais estudadas são aquelas que envolvem as fases a partir do estágio de exploração, entendida por Peletier et al. (1977, p. 14), como:

- Descobrir que existem, no meio imediato e na sociedade em geral, problemas para resolver e tarefas para realizar (sensibilidade aos problemas);
- Acumular informações sobre o ambiente e sobre si mesmo (fluidez);
- Dispor de um repertório diversificado de informações (flexibilidade);
- Obter informações dificilmente acessíveis e incomuns com relação ao meio sócio-cultural imediato do indivíduo (originalidade, autonomia, penetração);
- Reconhecer que a questão de orientação se coloca e que tem importância (sensibilidade aos problemas);
- Aceitar que a questão de orientação seja complexa e não ofereça respostas únicas e definitivas (tolerância da ambigüidade);
- Experimentar papéis profissionais na imaginação (risco).

Escolhemos para trabalhar a fase da Exploração (adolescência), por concentrar maior interesse em termos de demanda social para uma escolha e progresso profissional. São estas as tarefas evolutivas dessa fase:

### **Cristalização**

- Atitude cognitiva e comportamentos que culminam em uma escolha generalizada;
- Constatar a necessidade de fazer escolhas;
- Dar-se conta da multiplicidade dos pontos de vista a partir dos quais se podem associar as ocupações;
- Inferir as significações que podem ser resultados, rendimentos, performance escolares e extra-escolares, situando-se em uma grade de habilidades e talentos;
- Encontrar para si alguns atributos essenciais que têm o poder de incluir um grande número de experiências;
- Identificar entre muitas atividades aquelas para as quais se mostram interesses duradouros;
- Organizar o mundo do trabalho com base nos componentes da identidade pessoal.

### **Especificação**

- Atitude e comportamentos que aprofundam a relação com uma preferência, trazendo maior compromisso com a escolha;
- Identificar os valores e as necessidades subjacentes;
- Obter informações segundo critérios determinados;
- Encontrar possibilidades que são conseqüentes às necessidades e valores identificados;
- Decidir, integrando todos os elementos já considerados.

### **Realização/ Implementação**

- Relações mais estreitas com a realidade, em função da entrada no mercado de trabalho;
- Rever etapas da decisão e rever sua estabilidade e certeza;
- Operacionalizar e planejar as etapas da decisão;
- Antecipar as dificuldades;
- Proteger a sua decisão;
- Formular escolhas substantivas.

Na realização do trabalho de orientação vocacional/profissional é importante saber fazer o inventário das possibilidades, colocar questões para reflexão, organizar os elementos do problema, identificar suas necessidades e valores, avaliar os dados de realidade e computar as probabilidades de materialização dos seus projetos. É preciso possuir o desejo, condição imprescindível para a autodeterminação, para se realizar no contexto das condições "dificultadoras e facilitadoras do meio". E, conseqüentemente, promover a consolidação através da validação do progresso e manutenção do status atingido. (PELLETIER et al.,1977).

Como vimos, o trabalho de Pelletier et al. (1977), tentam relacionar as habilidades a essas quatro tarefas evolutivas:

**- Exploração, Cristalização, Especificação e Realização.**

O desenvolvimento dessas habilidades cognitivas dá-se não só através de processos cognitivos, mas também através de atitudes cognitivas frente às situações que quer obter, ou metas que deseja alcançar.

As atitudes cognitivas darão o suporte para o desenvolvimento das habilidades.

A compreensão da identidade vocacional pressupõe a compreensão de suas crenças sobre determinações subjetivas. Desta forma, pressupõe a compreensão inicialmente das relações do indivíduo com sua cultura, através das representações em termos, por exemplo, de status, qualificação necessária, gênero e possibilidade de mercado. E isso pressupõe uma visão teórica clara das relações entre o indivíduo e a sociedade.

Bohoslavsky diz que o trabalho de orientação vocacional/profissional deve trazer ao orientando a maior quantidade de auto-conceitos que possam ser definidos como vocacionalmente relevante, oportunizando uma maior expansão das possibilidades de escolha e um conhecimento do mundo do trabalho, mais amplo, de forma que o indivíduo possa colocar-se, sem estereótipos naquela profissão definida, tendo o maior grau de incorporação para que realize, da melhor forma possível, dentro de sua própria percepção, seus auto-conceitos.

Bohoslavsky (1977) diz que o jovem deseja obter da orientação profissional uma forma de ser feliz, realizado. É a esse objetivo que devemos atender, vislumbrando as perspectivas de tornar este jovem mais apto a tomar decisões, tendo como base o maior espectro possíveis de aspectos e variáveis, principalmente

com o adolescente que está inserido numa cultura específica, que produz uma necessidade social de tomar decisões para um futuro longínquo, do qual não pode dar conta por características da própria etapa de vida. Embora estejamos no aqui e agora é do futuro que se está tratando, é do desempenho adulto, do estilo de vida determinado pelas injunções culturais afetas aos grupos a que pertence, com sua rede de tipificações, significados e interpretações, muitas vezes conhecidas e até temidas por ele.

A demanda do adolescente sempre está circunscrita a esferas bem mais próxima a ele: um curso, um plano de estudos, uma profissão, um status. Suas dificuldades também surgem da distância entre o que quer conscientemente e o que sabe que vai encontrar: um mundo complexo, muitas vezes assustador, com inúmeros caminhos. Assim, auxiliá-lo a realizar essa leitura é ampliar sua rede interpretativa, alargar seus horizontes, trabalhar sua ansiedade, levá-lo a identificar seus filtros e possibilitar uma exploração o mais realista possível dentro das condições que possui no momento.

Bohoslavsky (1977, p.141-142) também tece críticas ao que denomina "modalidade estatística", ou seja, ao psicometrismo puro em orientação profissional. "Consideramos ilusória a suposição de que sempre se pode prescindir de instrumentos psicométricos ou projetivos na elaboração do diagnóstico em orientação vocacional".

Observamos assim, na abordagem clínica de Bohoslavsky, que a orientação profissional teria como objetivo clarear as determinações subjetivas e objetivas da escolha, tendo uma função meramente descritiva e explicativa. O indivíduo teria maior consciência dos motivos que o levam a se aproximar de uma profissão.

Nosso programa de orientação vocacional/profissional está embasado na concepção da abordagem clínica de Bohoslavsky, à medida que estimulamos o autoconhecimento, que são as determinações subjetivas e oferecemos as informações objetivas através do Guia Informativo de Educação Profissional: uma possível trajetória.

Nesse capítulo procuramos enfatizar que a melhor escolha é aquela que o jovem realiza a partir de um maior conhecimento de si como ser e sujeito ativo de sua própria história, determinada pela realidade social e econômica e, por um conhecimento das possibilidades profissionais oferecidas pela sociedade que está inserido.

## **Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de São Paulo - 2007**

Em 2007, o mercado de trabalho na RMSP apresentou recuperação do ritmo de crescimento.

A taxa média de crescimento do nível de ocupação de 2,3% foi maior do que a verificada em 2006 (1,7%).

Tabela 1 - Discriminação da Ocupação

<b>Discriminação da Ocupação</b>	<b>Números correspondentes</b>
Número de postos de trabalho gerados	198 mil
Número de pessoas que passaram a integrar a força de trabalho regional	114 mil

Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT.

### **No ano em análise, os contingentes estimados passaram a corresponder:**

Tabela 2 – Contingentes estimados

Desempregados	1.508 mil pessoas
Ocupados	8.681 mil pessoas
População Economicamente Ativa/PEA	10.189 mil pessoas

Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT.

Nota: Valores estimados com base nas projeções populacionais da Fundação Seade a partir do Censo Demográfico de 2000, do IBGE.

A taxa média de desemprego total diminuiu pelo quarto ano consecutivo, passando de 15,8%, em 2006, para 14,8%, em 2007, o menor patamar desde 1996. Através do site, com a informação acima, inferimos que os postos de trabalho gerados, as vagas não foram preenchidas, talvez por falta de qualificação profissional dos desempregados ou daqueles que buscam iniciar a vida profissional. Com base nos conhecimentos teóricos confirmados com os dados obtidos, organizamos o Programa de Ação que apresentamos a seguir.

## CAPITULO IV – PROGRAMA DE AÇÃO

### 4.1 ORIENTAÇÃO VOCACIONAL/PROFISSIONAL PARA ALUNOS DA 3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA PÚBLICA

Nessa amostra de dados coletados na Escola Senai “Suíço-Brasileira”, instituição de nosso estudo, observamos que a oferta de vagas era maior do que a quantidade de alunos que a escola tinha para preenchê-las.

Ao nos depararmos com esta situação, enxergamos a possibilidade de elaborar um programa de ação de orientação vocacional/profissional, que priorizasse a informação profissional para estimular o adolescente de escola pública a optar pela realização de cursos técnicos com o propósito de facilitar a sua inserção no mercado de trabalho.

Foram com base nesses dados que nos motivamos a desenvolver o Programa de Ação.

Tabela 3 – Dados que evidenciaram a demanda do mercado por profissionais de formação técnica nível médio

<b>Ano</b>	<b>Nº de aluno na Escola</b>	<b>Nº de vagas encaminhadas pelas empresas para o SENAI indicar alunos</b>	<b>Proporção vaga /aluno</b>
<b>1996</b>	<b>106</b>	<b>280</b>	<b>2,6</b>
1997	108	414	3,8
1998	143	468	3,2
1999	173	404	2,3
2000	149	<b>640</b>	4,3
2001	153	<b>520</b>	3,4
<b>2002</b>	<b>411</b>	<b>481</b>	<b>1,2</b>

Fonte: Escola Técnica Senai “Suíço-Brasileira”

Observando os números acima, percebemos que havia mais vagas para empregos do que alunos para serem encaminhados às empresas. Se compararmos somente os números na tabela nos anos de 1996 e 2002, causa a impressão que

houve uma redução na proporção vaga/aluno. Mas o que ocorreu foi um aumento no número de turmas para atender essa demanda.

Iniciamos nossa pesquisa no primeiro semestre de 2001, período também que a Escola ampliou sua capacidade para atender um maior número de alunos.

Houve também uma redução, na base de 20% aproximadamente, no número médio de vagas, nos períodos 2000 e 2001, comparados com o número de vagas encaminhadas pelas empresas em 2002.

Olhando a tabela, causa a impressão de que caiu a demanda por profissionais mas, na verdade a escola está atendendo mais alunos. Demonstrando assim maior equilíbrio entre o número de vagas e o número de alunos atendidos.

Analisando esses números, nos sentimos instigados a aplicar os conhecimentos adquiridos no curso de Psicopedagogia, aliado às experiências profissionais na área de Recursos Humanos, que nos levaram a reconhecer que as pessoas fazem escolhas mais satisfatórias profissionalmente, quando conhecem as próprias características, habilidades, interesses e desejos que se ajustam à oferta de cursos e de trabalho que o mercado oferece.

Portanto, oferecemos aos adolescentes um programa de ação que os estimulasse dar continuidade aos estudos, buscando alcançar uma qualificação técnica profissional, em virtude de não possuírem, nesse momento, recursos financeiros para um curso superior.

Assim, elaboramos o programa de ação para alunos matriculados na 3ª série do ensino médio de escolas públicas.

Definimos esse público para estudo, porque essa população já preenche um dos pré-requisitos para o mercado, que é a escolaridade básica, podendo inclusive optar pelo pós-médio, curso com duração de 2 anos.

Inicialmente organizamos oficinas e palestras, a seguir propusemos dinâmicas e vivências, a fim de criar espaços de sensibilização para o autoconhecimento das características, habilidades, interesses e desejos. Ao mesmo tempo promovemos informações objetivas sobre os cursos técnicos, mercado e atuação profissional.

A nossa expectativa é que pela demanda por profissionais técnicos no mercado de trabalho, como divulgado nos vários meios de comunicação, é mais provável que com a qualificação técnica, a inserção deste jovem no mundo do trabalho, seja mais rápida. Essa é uma grande oportunidade para essas pessoas,

pois com um acréscimo de três ou quatro semestres de curso técnico passam a ter uma habilitação profissional reconhecida no mercado. Outro dado motivador para esse programa é o fato dos cursos técnicos em sua maioria serem gratuitos, o que facilita o acesso dessa população.

## **4.2 AS PARCERIAS PARA REALIZAÇÃO DO PROGRAMA DE AÇÃO**

Uma das primeiras etapas para a elaboração desse programa foi identificar parceiros para viabilizar o projeto.

### **4.2.1 Diretoria da Delegacia de Ensino de Osasco**

Foi sensibilizada a participar do programa, promovendo reunião com os Diretores das instituições e estimulando-os para a realização das palestras e oficinas, contempladas no Plano de ação.

### **4.2.2 A Universidade de São Paulo – USP**

A USP acompanhou o desenvolvimento do projeto de Orientação Vocacional/Profissional fornecendo assessoria/orientação e supervisão técnica, através do LABOR - Laboratório de Estudos sobre Trabalho e Orientação Profissional do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob a supervisão técnica da Prof<sup>a</sup> Conceição Uvaldo e Coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivette Lehmann. A nossa participação no grupo de OV/OP do LABOR/USP, foi possível dada à relevância social atribuída ao programa, por levar informação/orientação sobre mercado e profissões, apresentando alternativas acessíveis a jovens de baixa renda.

### **4.2.3 Ainda para garantir a logística e a eficácia do trabalho, contamos com o apoio operacional**

#### **Dirigente de Ensino:**

- Coordenar a logística e programação nas escolas;

**Diretor das Escolas:**

- Divulgar o projeto entre os alunos do ensino médio;
- Comunicar datas e horários das atividades;
- Sensibilizar os estudantes para participar das oficinas;
- Disponibilizar local adequado.

**Coordenador Pedagógico:**

- Agendar data e informar os alunos;
- Sensibilizar os estudantes para participação;
- Disponibilizar local adequado.

**Orientadores, com as seguintes atribuições:**

- Visitar as escolas da rede pública;
- Elaborar e fornecer cronograma mensal para o Dirigente de Ensino, para comunicar às escolas;
- Encaminhar correspondência para cada escola participante, reforçando datas, horários e atividades a realizar;
- Realização do Programa de Ação de “Orientação Vocacional/Profissional”, com a distribuição do guia de Educação Profissional e folder dos cursos ofertados pelas instituições parceiras.

**4.2.4 Centro Paula Souza, CIEE, Fundação do Instituto Tecnológico de Osasco – FITO e SENAI**

Essas entidades forneceram os dados para a elaboração/confecção do guia para distribuição aos participantes;

**4.2.5 Prefeitura do Município de Osasco, através da Secretaria de Trabalho e Emprego, SERT- Secretaria Estadual do Emprego e Relações do Trabalho**

Participaram disponibilizando profissionais alocados em suas Secretarias para auxiliar com informações e orientações específicas para a confecção do material de apoio às sessões de Orientação Vocacional/Profissional.

#### 4.2.6 UNIBAN e UNIFIEO

- Promoveram evento informativo ao final do semestre, designado “Um dia no Campus”; desenvolveram palestras sobre a conjuntura econômica do país, a carreira profissional e o mercado de trabalho.
- Apresentação dos cursos, visita às instalações físicas das universidades e seus laboratórios de apoio ao ensino-aprendizagem.
- Encerramento com entrega de brindes.

Nesse primeiro momento para a maioria desse público não é possível fazer curso superior, mas buscamos motivar e estimular estes jovens para que, se desejarem, ou necessitarem fazer um curso superior, em função da carreira escolhida, que se organize para isso, traçando um Projeto/ Planejamento de Qualificação Profissional que lhe possibilite realizar esse desejo.

#### SENAI:

- Subsidiou a Impressão do guia e realizou um evento de “**Open House**”, com o objetivo de aproximar o adolescente do ambiente da escola técnica, suas instalações físicas, laboratórios, recursos e equipamentos utilizados nos cursos.

#### 4.3 DESCRIÇÃO DAS ETAPAS DO PROGRAMA DE AÇÃO

- Reuniões realizadas com 04 horas de duração, na própria escola, sem acarretar prejuízo na carga horária do curso, pois esse tipo de atividade o MEC considera como item da transversalidade, dentro da grade curricular;
- Aplicação de dinâmicas e vivências para obter material/informação sobre os participantes e para subsidiar o trabalho de orientação, com base nas informações vindas do grupo;
- Discussões para clarificar as imagens, crenças e valores que possuem sobre as profissões e sobre si mesmos;
- Exposição breve sobre a orientação vocacional/profissional;
- Informação sobre os objetivos do programa de orientação vocacional/profissional;
- Discussão sobre a globalização e as novas demandas profissionais;

- Informação sobre emprego, trabalho, mercado e os perfis profissionais;
- Sensibilização sobre a importância da escolha profissional;
- Informação sobre as alternativas de atuação profissional e opções de trabalho e renda;
- Conscientização da importância de elaborar um Projeto que contemple a capacitação/qualificação técnica contínua.
- Participação nos Eventos de “**Open House**” promovidos pelas Instituições SENAI, UNIFIEO E UNIBAN, informando sobre local, datas, horários e as atividades a serem realizadas.

#### **4.4 RECURSOS DIDÁTICOS E PEDAGÓGICOS UTILIZADOS NAS SESSÕES/OFICINAS DO PROGRAMA DE AÇÃO DE ORIENTAÇÃO VOCACIONAL/PROFISSIONAL:**

- Dinâmica de grupo;
- Vivências
- Guia, constando:
  - Modalidade de cursos de qualificação técnica;
  - Atividades realizadas pelos profissionais dessas áreas técnicas;
  - Mercado de atuação;
- Folder das escolas SENAI, UNIBAN, UNIFIEO;
- Questionário de Avaliação de Reação.

#### **4.5 ESTRATÉGIAS E TÉCNICAS COMO RECURSOS DIDÁTICOS PEDAGÓGICOS NO DESENVOLVIMENTO DO PROGRAMA DE AÇÃO**

Utilizamos dinâmicas de grupo e vivências como estratégia para estimular a identificação de algumas características pessoais que promovessem um "pensar em si", bem como, facilitassem a discussão das profissões, carreiras e mercado de trabalho.

Os dados levantados auxiliaram na compreensão dos aspectos subjetivos, tais como as crenças e valores que envolvem a escolha da profissão e, serviram também para apoiar às discussões e à exposição dos temas de forma metodológica, didática e ativa, produzindo simultaneamente a adequada aquisição

das informações, numa vivência lúdica e espontânea.

Para melhor compreensão da subjetividade da escolha, nos apoiamos na linguagem por ela apresentar um caráter individual e por se caracterizar como expressão simbólica da imagem mental. Fizemos uso também dos relatos verbais dos participantes, que serviram de auxílio nas inferências e interpretações da representação simbólica da realidade de cada um e nas escolhas das profissões. Foram discutidos os estereótipos de algumas profissões. E nesses relatos observamos os papéis profissionais e a oportunidade de reconstrução (interna) daquilo que o indivíduo observa externamente.

Assim procedemos por acreditar que a imagem da profissão não é verdadeira nem é falsa, nem mais próxima ou mais distante da realidade, não é correta nem incorreta, é simplesmente uma imagem que deve ser trabalhada/aproximada e assim os indivíduos se identificam ou não com essa imagem. É importante mencionar que essas imagens são constituídas na interiorização e singularização do vivido, daí serem diferentes para cada pessoa e que respondem às necessidades subjetivas que também foram construídas na relação com a história individual e o ambiente social do sujeito.

Queremos aqui deixar clara a nossa preocupação em criar um momento onde o adolescente, tivesse esse espaço para manifestar suas preocupações, ansiedade, dúvidas e problemas. E que fosse possível acompanhá-lo na reflexão, fornecer os possíveis esclarecimentos, para que ele pudesse elaborar seu projeto profissional, definindo suas escolhas e identificando os obstáculos que o impedissem de fazê-lo, bem como, levando-o a compreender que ele é um ser em movimento e que pode mudar seus interesses e possibilidades no decorrer de sua vida.

#### **4.6 PROCEDIMENTOS, ESTRATÉGIAS, TÉCNICAS E INSTRUMENTOS UTILIZADOS NO PROGRAMA DE AÇÃO**

Tabela 4 – Estratégias, objetivos e atividades

<b>ESTRATÉGIA</b>	<b>OBJETIVO</b>	<b>ATIVIDADE</b>
Dinâmica do barbante para sensibilização/aquecimento: A escolha de um dos	Provocar um "pensar em si"	O grupo é convidado a formar um círculo; Utilizando barbante, as pessoas vão amarrando um dos dedos e se apresentando dizendo o nome, elegendo um dos elementos da natureza

elementos da natureza: fogo, terra, água e ar		(água, fogo, ar e terra) que mais se identifica e citando duas características pessoais que o faz se reconhecer nesse elemento;
	Estimular o autoconhecimento	Após todo grupo se apresentar, voltamos o barbante exatamente na ordem inversa em que foram amarrados, do último para o primeiro que se apresentou e assim, são reapresentados por outra pessoa, ouvindo as características que disse possuir serem mencionadas por outro. O apresentador, se desejar, acrescenta outras que observa nessa pessoa. Nesse momento o apresentado, não fala. Só ouve.
	Explorar a sensação experimentada	Resgatar o exercício explorando a sensação experimentada, quando foi apresentado pelo outro, falando das características que disse possuir, ou ainda outras, não identificadas/mencionadas por você;
	Resgatar o que apreenderam da atividade	Após resgates e depoimentos, fechar a dinâmica reforçando a necessidade do autoconhecimento no processo de escolha.
Exposição Informativa	Informar a respeito do Programa de Orientação Vocacional/ Profissional	Breve exposição sobre o processo de orientação vocacional/profissional; Informação sobre os objetivos do programa de orientação vocacional/profissional; Contextualização sobre a globalização e as novas demandas profissionais; Informação sobre mercado, emprego, trabalho, renda e as exigências profissionais; Sensibilização sobre a importância da escolha profissional.
Colagem com figuras de jornais e revistas	Estimular o autoconhecimento e reconhecer algumas profissões que acreditam possuir perfil, habilidade ou interesse.	Atividade em pequenos grupos; Distribuição de jornais revistas, lápis de cores e papel sulfite; Orientação nos pequenos grupos sobre as profissões para que pudessem realizar a atividade proposta.

Discussão em pequenos grupos	Melhor compreensão do tema profissões	Através das figuras de revistas, jornais e desenhos livres, escolheram situações que evidenciassem profissões, tais como: o profissional, características pessoais para o exercício destas profissões, locais de trabalho, atividade realizada, status social, bens, lazer etc.
Exposição dos relatos dos pequenos grupos para a sala	Ampliar a compreensão do tema profissões	Expuseram o trabalho realizado para a sala, comentando a profissão e as características que identificaram como necessárias para o exercício delas e estilo de vida, status etc.
Fechamento com o Orientador	Desmistificar os estereótipos que possuem sobre algumas profissões  Informar sobre mercado de trabalho, profissões e qualificação técnica.	<p>O orientador discutiu os estereótipos, mitos e crenças que permeiam algumas profissões.</p> <p>O orientador propôs o fechamento da atividade ressaltando o que é importante saber sobre profissões, qualificação, ocupações e mercado de trabalho.</p> <p>O Orientador sensibiliza sobre a importância de procurarem maiores informações com pessoas que exerçam essas profissões, para que conheçam e reflitam sobre o dia-a-dia destes profissionais, que procurem se imaginar exercendo essas atividades profissionais e tentassem sentir as reações provocadas, prazer, tensões, alegria, orgulho, frustração, etc. O propósito desse exercício é estimular o autoconhecimento e a reflexão sobre a escolha profissional.</p> <p>Os participantes foram incentivados a pensar sobre a elaboração de um projeto, que contemple o planejamento profissional, objeto do desejo/escolha.</p> <p>O Orientador incentiva ainda, para a necessidade da reflexão sobre as possibilidades concretas para a realização desse desejo, a qualificação profissional, como ferramenta para inserção no mundo do trabalho/renda.</p> <p>Para concluir o exercício, é discutida a importância de conhecer as possibilidades e</p>

		limitações, bem como a de planejar, estruturar e priorizar aquilo que se deseja, procurando assim conhecer e obter as informações e recursos necessários para sua concretização.
Encerramento	<p>Avaliar a reação dos participantes em relação ao programa de ação;</p> <p>Conhecer a aceitação/ reação do grupo em relação as atividades;</p> <p>Avaliar a eficácia do programa, conforme modelo no item 4.7).</p>	<p>Ao final da sessão foram distribuídos os questionários de “Avaliação de Reação” os participantes responderam individualmente.</p> <p>Os dados obtidos foram submetidos a tratamento estatístico que nos permitiu chegar a esses resultados, <b>descritos no capítulo VI.</b></p> <p>O Orientador acompanhou o resultado do trabalho sobre a eficácia do Programa de Ação de Orientação Vocacional/Profissional, através do aumento na procura de qualificação técnica na Escola Senai “Suíço-Brasileira”, escola de nossa pesquisa;</p>

Instrumento elaborado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luiza Puglisi Munhoz e pela aluna Marly Morais da Silva Trigueirinho.

#### 4.7 INSTRUMENTO DA PESQUISA

Foi aplicado o questionário de avaliação sobre o programa de ação, conforme modelo ANEXO.

## **CAPÍTULO V – A PESQUISA**

### **5.1 PROBLEMÁTICA/HIPÓTESE**

Existe no mercado de trabalho um número elevado de profissionais desmotivados, com reduzida força empreendedora, com auto-estima comprometida; isso porque tiveram que aceitar desempenhar trabalhos, pouco valorizados para si, que muitas vezes não oferecem também oportunidades de aproveitar suas habilidades, desejos e aptidões. A falta de prazer e comprometimento com o trabalho acarretam para o indivíduo alto nível de estresse e baixa qualidade de vida. Pressupomos que isso ocorra por falta de maior conhecimento sobre si, suas habilidades e interesses e, também, por não ter informação/ orientação sobre o mercado de atuação, as atividades realizadas nas profissões e as alternativas de trabalho e de renda, que tornem sua vida profissional menos estressante e mais prazerosa.

Entendemos que esses adolescentes respaldados pela informação/orientação possam identificar melhor suas habilidades/potencialidades e assim desenvolver e elaborar estratégias para um planejamento profissional, com base nas informações obtidas no Programa de Ação Orientação Vocacional/Profissional, serão estimulados a conhecer as habilidades individuais e buscar as competências necessárias, assim como identificar os recursos necessários para a concretização do planejamento de qualificação profissional. Acreditamos que assim, minimiza-se a perda de tempo e a insatisfação futura com a profissão escolhida e as pessoas possam realizar seus trabalhos de forma mais significativa, aplicando suas competências, o que lhe possibilita reconhecer maior autonomia na realização de seus desejos profissionais.

Foi com esse objetivo que organizamos o Programa de Ação, para informar/orientar os adolescentes para buscar a Qualificação, através dos Centros de Formação Técnica Profissional.

Queremos avaliar a eficácia desse Programa de Ação de Orientação Vocacional/Profissional para adolescentes de escolas públicas.

## 5.2 OBJETIVOS

### 5.2.1 Objetivo Geral da Pesquisa

- Averiguar a reação, avaliação e percepção dos alunos da 3ª série do ensino médio da escola pública, sobre o Programa de Orientação Vocacional/ Profissional ao qual foram submetidos.

### 5.2.2 Objetivos Específicos da Pesquisa

- Expor as principais características no mundo capitalista e discutir os conceitos de trabalho, mercado, realização pessoal e aprendizagem.
- Analisar os efeitos de um programa de informação profissional na visão dos adolescentes que dele participaram.
- Apresentar as demandas do atual mercado de trabalho, segundo dados da Escola Senai “Suíço-Brasileira”.

## 5.3 DESCRIÇÃO DA AMOSTRA

A pesquisa foi realizada em quinze escolas públicas do município de Osasco, conforme dados abaixo:

Tabela 5 – Números de alunos e escolas

Nº de alunos matriculados	Nº de alunos participantes	Nº de escolas Pública	Nº de escolas atendidas	Nº total de salas de aula	Nº de salas atendidas
9.637	1.596	46	15	224	51

Tabela 6 – Número de alunos matriculados e participantes do programa de ação

Nº Total de alunos matriculados nas escolas da pesquisa	Nº de alunos participantes do programa de ação	Faixa etária dos alunos	Porcentagem de participação
2.429	1.596	17 a 22 anos	65,7%

## **5.4 INSTRUMENTO DA PESQUISA**

### **“Questionários de Avaliação de Reação”.**

Ao final da atividade foi aplicado o instrumento “Questionário de Avaliação de Reação” em ANEXO, com o propósito de conhecer a eficácia do Programa de Ação de Orientação Vocacional/Profissional. Este material recebeu tratamento estatístico.

#### **5.4.1 Procedimentos de Coleta de Dados**

Ao final de cada sessão foram distribuídos os questionários de “Avaliação de Reação” aos participantes que responderam individualmente. Recolhemos esse material e processamos a análise dos dados obtidos.

Inicialmente, as respostas dos questionários foram submetidas à análise quantitativa com tratamento estatístico.

A seguir analisamos os comentários fornecidos ao final de cada questão pelos sujeitos da pesquisa.

Esses comentários nos possibilitaram atribuir inferências interpretativas para ampliar o conhecimento da reação, percepção e avaliação dos sujeitos pesquisados.

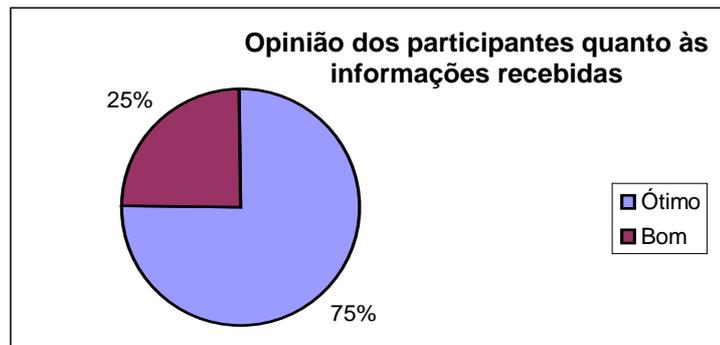
## CAPÍTULO VI – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA REAÇÃO E AVALIAÇÃO DOS ALUNOS SUBMETIDOS AO PROGRAMA DE AÇÃO DE ORIENTAÇÃO VOCACIONAL/PROFISSIONAL

### 6.1 ANÁLISE QUANTITATIVA COM TRATAMENTO ESTATÍSTICO

**Total de escolas participantes:** 15

**Instrumento utilizado para pesquisa:** Questionário de “Avaliação de Reação”

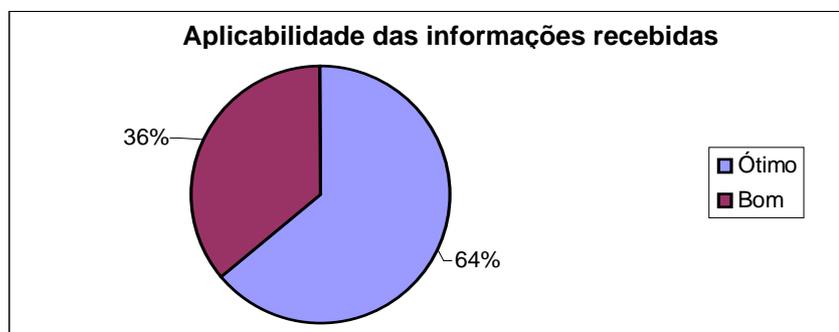
Figura 1 – Opinião dos participantes quanto às informações recebidas



Os **75%** de **ÓTIMO** indicam que os temas e as informações foram importantes.

Os **25%** representado como **BOM**, refere-se à limitação do tempo.

Figura 2 – Aplicabilidade das informações recebidas



O resultado de **64%** como **ÓTIMO**, indicam ter havido o retorno esperado.

Os **36%** de **BOM**, indicam que existiam necessidades específicas de caráter individual que não foram atendidas.

Figura 3 – Divulgação pela escola do programa de Orientação Vocacional/ Profissional

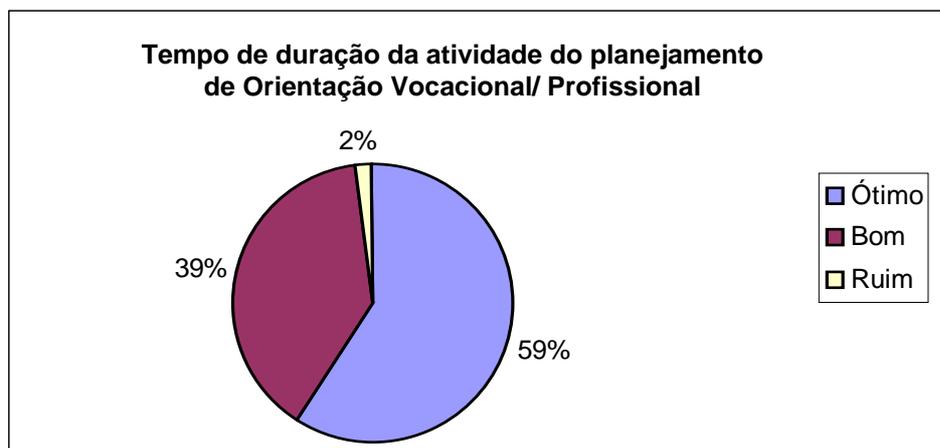


Os **41%** de **ÓTIMO** referem-se às escolas que facilitaram a realização da atividade de Orientação Vocacional/Profissional.

Os **42%** de **BOM** referem-se às escolas que dificultaram a realização do programa de ação de Orientação Vocacional/Profissional.

Os **17%** de **RUIM** indicam falta de divulgação.

Figura 4 – Tempo de duração da atividade do planejamento de Orientação Vocacional/Profissional

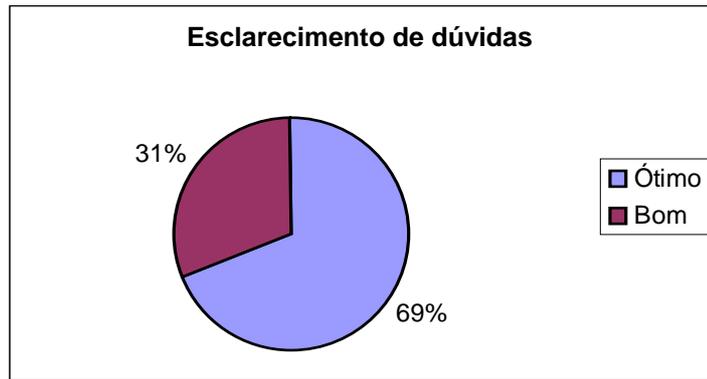


Os **59%** de **ÓTIMO** ocorreu em função da demanda da maioria dos alunos por essas informações.

Os **39%** de **BOM** indicam o grande interesse do grupo.

Os **2%** de **RUIM** indicam a insatisfação por não terem sido atendidas as questões individuais.

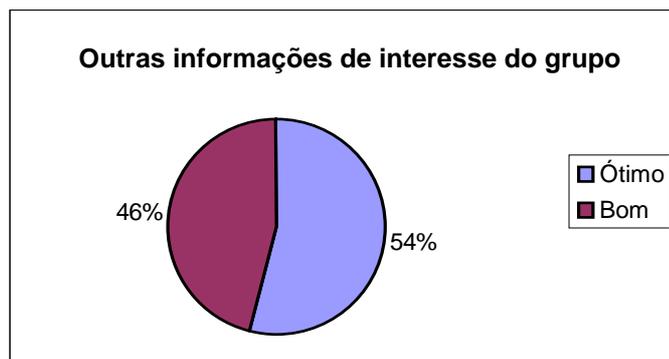
Figura 5 – Esclarecimento de dúvidas



Os **69%** de **ÓTIMO** indicam a carência do grupo por informações.

Os **31%** de **BOM** indicam o pouco tempo para dar conta dessa demanda individual.

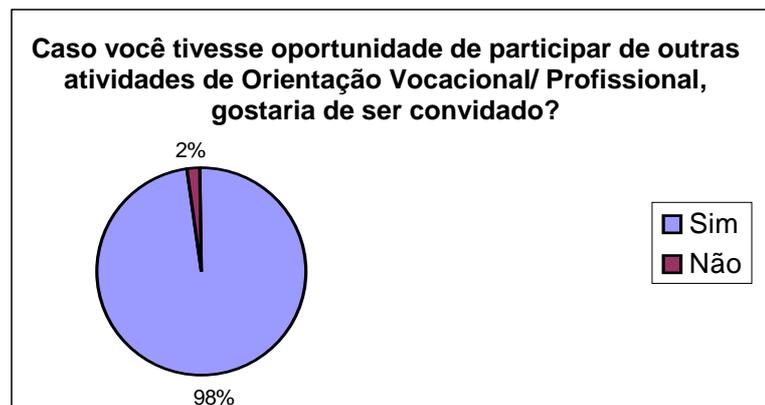
Figura 6 - Outras informações de interesse do grupo



Os **54%** de **ÓTIMO** indicam que havia muita curiosidade sobre os temas abordados.

Os **46%** de **BOM** indicam interesses por informações mais detalhadas.

Figura 7 - Caso você tivesse oportunidade de participar de outras atividades de Orientação Vocacional/Profissional, gostaria de ser convidado?



Os **98%** de **SIM** indicam quanto os adolescentes tem necessidade de orientação.

Os **2%** que **NÃO** participariam são os alunos que não tiveram suas dúvidas esclarecidas.

## 6.2 APRESENTAÇÃO DOS COMENTÁRIOS

Abaixo os comentários que os participantes fizeram após cada questão respondida. Consideramos essas informações úteis, porque nos possibilitou ampliar nossa compreensão sobre a reação dos adolescentes a respeito desse programa de ação.

- A palestra foi muito boa, deveria acontecer uma vez por mês;
- A palestra alcançou um ótimo resultado;
- Sugiro ter mais palestras sobre esse assunto, pois ajuda muito na escolha da profissão;
- Nos estimulou a fazer cursos e melhorar a nossa qualificação profissional para realizar trabalho e conseguir renda;
- Foi pouco tempo para esclarecer todas as dúvidas;
- Adorei. Sugiro que se repita outras vezes, adquirimos muitas informações sobre as profissões, escolas técnicas, mercado, trabalho, renda;
- A escola deve avisar com antecedência para que ninguém falte;
- A escola não avisou aos professores e nem aos alunos;
- Tirei todas as dúvidas sobre o que realmente quero em termos profissionais;
- Todos devemos agradecer esta oportunidade de ter participado destas dinâmicas de grupo, assim pudemos esclarecer nossas dúvidas de forma descontraída;
- Que continuem a incentivar, pela reflexão, para que os jovens levem a sério a sua vida profissional;
- Achei muito útil, pois obtive muitas informações importantes;

- A escola não esclareceu sobre o que era essa palestra, por isso algumas pessoas faltaram;
- Apesar da sala cheia e apertada, foi muito bom;
- Foi muito legal, pois com as dificuldades que estamos enfrentando, foi importante participar desse trabalho de orientação profissional;
- Nessa aula íamos fazer prova, por isso ficamos discutindo no início, mas valeu!
- Foi muito útil, auxiliou muito no conhecimento sobre nós mesmos e no esclarecimento das dúvidas sobre carreira profissional;
- Auxiliou na decisão sobre a área que pretendemos trabalhar;
- Foi muito interessante saber que existem muitos campos de trabalho para a mesma profissão;
- Gostei de ter participado, leva os jovens a ter mais vontade de estudar;
- Foi muito válido, mas ainda falta muita oportunidade para o jovem pobre;
- Acho que esse trabalho de "Orientação Profissional" deve ter uma grande divulgação, pois estamos escolhendo a profissão para a vida toda;
- Parabéns por esse trabalho! nunca imaginei possibilidades assim de cursos para mim, telemarketing combina comigo e depois dessa palestra estou decidida a fazer o curso;
- Foi ótimo, foram apresentadas várias opções profissionais;
- Com essa crise, sorte é quando a preparação/qualificação encontra a oportunidade. Estudar é o melhor caminho para um futuro melhor;
- Achei o máximo, aprendi muito sobre mim mesma e sobre as profissões;
- Foi excelente a oportunidade de ouvir os colegas falarem sobre algumas qualidades ou características pessoais nossa, hoje saio com uma nova opinião sobre mim e até com mais garra;
- O que achei mais interessante foi a motivação e o incentivo que nos foi dado no sentido de que temos capacidade de alcançar o que quisermos, direcionando o nosso esforço para esse objetivo;
- Que esse trabalho seja realizado em várias escolas públicas, precisamos disso;

- Deveria ter mais cursos gratuitos, não só de qualificação técnica, mas também superior;
- Valeu! Pela motivação que nos trouxe e pelas informações apresentadas, esse trabalho deveria ser mais constante;
- É importante ter informações para escolher e decidir, a realização está na vontade e na prática;
- Foi muito interessante, mostrou novos caminhos a serem tomados em relação à escolha da profissão, as informações foram muito bem transmitidas. Pela importância do assunto, deveriam ser realizados mais projetos para atender os jovens das escolas públicas, é muito bom ter a ajuda de alguém experiente;
- Deveria ter sempre, foi ótimo, com a orientação que recebemos é possível planejar e melhorar nosso futuro;
- Deveria ter mais encontros como esse, esclarece muito. Até que enfim estão pensando no aluno da escola pública;
- Esclarecedora sobre o mercado de trabalho, profissão, qualificação, e as habilidades que possuímos e que nos dão prazer para realizar tarefas, foi interessante a partir do nosso autoconhecimento a busca de nossa profissão;
- Foi ótimo saber sobre profissões. Falta muita informação e esclarecimento sobre este assunto, é importante que as pessoas com essa experiência venha falar nas escolas;
- Gostei muito dessa palestra, assim com essas orientações e esclarecimentos poderemos ter um país melhor;
- Achei muito interessante conhecer as minhas habilidades e como utilizá-las, buscando a qualificação necessária;
- Houve pouca divulgação na escola, é muito oportuno o momento para esses esclarecimentos;
- Obrigado pela oportunidade. Muitas pessoas precisam desta ajuda para se conhecer, saber sobre fontes de recrutamento de profissionais, as dinâmicas que são aplicadas, como se comportar em uma entrevista,

como se apresentar para participar de processos seletivos, todas essas informações são muito úteis para todos nós, pena que foi pouco tempo;

- Achei que foi uma ótima maneira de se relacionar com os colegas e um modo diferente de refletir sobre nós mesmos e o nosso futuro, trocando experiências.

### **6.3 INFERÊNCIAS INTERPRETATIVAS A PARTIR DOS COMENTÁRIOS DOS ADOLESCENTES**

A partir dos comentários oferecidos pelos sujeitos da pesquisa pudemos levantar tais inferências:

Sobre a opinião dos participantes em relação às informações recebidas, consideraram a explanação um dos pontos altos do programa, sentimos que realmente era a grande demanda do grupo.

A carga horária de 4 horas, não foi suficiente para atender às necessidades individuais específicas. Os participantes demonstraram muito interesse nas discussões e informações apresentadas por nós, com muitas perguntas pertinentes ao tema trabalho e qualificação.

Com relação à aplicabilidade das informações recebidas, percebemos um enorme interesse dos jovens. Infelizmente somente uma palestra não dá conta de sanar todas as dúvidas, embora percebemos que de forma genérica o programa contribui positivamente: por ter fornecido informações práticas sobre as habilidades e competências necessárias para o exercício das profissões e pelos cursos gratuitos ministrados por várias instituições de ensino, que os auxiliam a tomar a decisão para buscar uma qualificação profissional e facilitar a inserção no mercado de trabalho.

Nas escolas em que houve maior divulgação, bem como os próprios professores estavam em sala e demonstraram interesse e satisfação com a possibilidade dos alunos estarem recebendo informações úteis para sua vida profissional, a satisfação foi maior. Vários professores confessaram, eles próprios desconhecem tais alternativas e oportunidades para qualificação técnica profissional.

Já nas escolas onde encontramos um ambiente mais hostil e falta de interesse de alguns professores em ceder sua aula para a realização da atividade de

Orientação Vocacional/Profissional, acabou “contaminando” alguns alunos que durante a exposição não se mostraram tão interessados, muitas vezes tumultuando com brincadeiras fora do contexto do trabalho.

Os alunos que definiram como ruim, inferimos que faltou comunicação e sensibilização da escola no sentido de divulgar mais adequadamente o trabalho. Alguns diretores de escola e/ou coordenadores pedagógicos além de não divulgar, juntou turmas grandes e não preparou local para que o trabalho fosse realizado satisfatoriamente.

A reduzida carga horária comprometeu a eficácia da atividade. Não houve tempo hábil para responder de forma individualizada e com riqueza de informações como foram expostas as questões mais globais.

Mesmo selecionando e agrupando as dúvidas na tentativa de fornecer o maior número possível de esclarecimentos, a necessidade por informações e as dúvidas individuais a serem esclarecidas sobre se conhecer melhor, como sobre mercado, trabalho, *curriculum vitae*, emprego, ocupações, atividades, carreiras, renda etc. ficaram ainda muitas questões sem respostas.

O grupo demonstrou muita necessidade de informações sobre processos seletivos de profissionais, queriam saber o que as dinâmicas avaliam no candidato, que alguns já haviam participado de algumas, muita curiosidade em saber o porquê dessa “brincadeira”, o que falar e como se comportar em entrevistas.

Alguns desejavam informações mais detalhadas sobre a postura a ser adotada em situação de entrevista: o que deve ser evitado, a questão da aparência pessoal, o uso de adereços (brincos, *piercing*, tatuagens etc) que falamos de forma generalizada. Outros alunos necessitavam de esclarecimentos de dúvidas sobre questões profissionais muito individualizadas, aprendizado, remuneração, *status*. Um dos interesses foi saber o que as dinâmicas de grupo avaliam, o que deve ser falado em entrevistas, se a cor da pele, idade, estatura física, obesidade são fatores de exclusão em processos seletivos, porque as empresas de recrutamento muitas vezes pedem fotografia junto com o *curriculum vitae*, etc.

Na questão sobre a possibilidade de participar de outras sessões de Orientação Vocacional/Profissional, muitos demonstraram interesse em continuar a participar desse tipo de atividade.

Outros disseram não ter vontade de participar, inferimos que são aqueles alunos que não tiveram suas dúvidas esclarecidas, portanto não foram atendidos e assim demonstraram pouco interesse em participar novamente.

A maioria dos alunos demonstrou com suas respostas que aproveitaram as informações recebidas. Porém, um pequeno grupo de participantes não considerou as informações boas, acreditamos que necessitavam mais tempo para maior aprofundamento das informações.

Quanto à aplicabilidade das informações recebidas a maioria do grupo considerou o retorno satisfatório. Outra parte do grupo necessitava de atendimento mais focado, alguns demonstraram ter necessidades específicas que não foram atendidas. As reclamações mais constantes foram relacionadas à carga horária.

Ao nos apresentarmos e comentarmos sobre a nossa formação acadêmica e as experiências profissionais que possuímos, acreditamos que isso gerou em alguns alunos uma expectativa no sentido de que poderíamos ajudá-los na solução de alguns problemas específicos. E assim surgiram questões muito pessoais, mesmo que houvesse mais tempo a demanda de algumas pessoas são por acompanhamentos mais consistentes e programados com um número maior de oficinas/ sessões.

Com relação ao desinteresse que observamos em alguns participantes, eles não apareceram nos comentários dos questionários de reação, mas algumas vezes foram verbalizados nas discussões em grupos. É que alguns adolescentes já estão envolvidos com atividade ilícita e essa nossa “fala” já não faz mais sentido nesse momento.

Em várias escolas professores pediram para assistir e alguns, ao final da sessão, teceram comentários e fizeram elogios valorizando o trabalho.

Por tudo que vivenciamos nesta pesquisa foi muito gratificante realizá-la, alguns participantes verbalizavam: “Até que enfim estão pensando no aluno da Escola Pública”. Outros comentavam que se a escola tivesse realizado uma divulgação mais adequada, esclarecendo sobre o tema, todos teriam participado. Vários alunos não sabendo do que se tratava, faltaram. Outros lamentaram a ausência dos colegas, “Justamente hoje que foi tão útil”, finalizavam.

Apesar de ter sido uma atividade pontual, com curta duração, mesmo assim, sentimos o quanto foi estimulante e motivador para esses jovens, pois saíamos da sala de aula e eles continuavam nos acompanhando, em rodinhas, querendo saber

mais. Alguns pediam nossos telefones, queriam saber se era possível atendê-los fora da escola.

Da forma que vivenciamos esse Programa de Ação para Orientação Vocacional/Profissional, tivemos a oportunidade de perceber a sua efetividade, pois lida com uma realidade concreta de adolescentes de escola pública, que apresentam uma enorme carência por valorização humana, desconhecem suas habilidades, desejos e poucos identificam seus talentos, diferentemente da população das escolas particulares.

Introduzo essa informação que vem corroborar com a eficácia do Programa de Ação de Orientação Vocacional/Profissional, constatada em função do aumento no número de inscrições a partir do 1º semestre/2002.

Observamos que a partir do 2º semestre/02, houve um significativo aumento de **645%** a procura por cursos técnicos na instituição estudada, Escola Senai "Suíço-Brasileira". Estes resultados reforçam a nossa percepção de que os adolescentes ao se conhecerem melhor e de posse de informações capazes de auxiliar a escolha, sentiram-se mais sensibilizados, motivados e mais seguros para buscar uma qualificação técnica profissional.

Nesse período a escola Senai, aumentou o número de turmas nos cursos técnicos, visando atender um maior número de alunos, justificado pelo crescimento da procura por formação técnica.

Tabela 7 – Cursos Técnicos da Unidade SENAI "Suíço-Brasileira"

<b>ANO</b>	<b>Nº DE INSCRITOS</b>	<b>Nº VAGAS NO SENAI</b>	<b>CAND. X VAGAS</b>
<b>1º Sem/1996</b>	105	48	2,2
<b>2º Sem/1996</b>	220	58	3,8
<b>1º Sem/1997</b>	194	55	3,5
<b>2º Sem/1997</b>	230	53	4,3
<b>1º Sem/1998</b>	238	92	2,6
<b>2º Sem/1998</b>	184	51	3,6
<b>1º Sem/1999</b>	220	91	2,4
<b>2º Sem/1999</b>	310	82	3,8
<b>1º Sem/2000</b>	330	87	3,8
<b>2º Sem/2000</b>	350	62	5,6
<b>1º Sem/2001</b>	170	49	3,4
<b>2º Sem/2001</b>	252	104	2,4
<b>1º Sem/2002</b>	371	163	2,3

<b>2° Sem/2002</b>	861	248	3,5
<b>1° Sem/2003</b>	2.648	278	9,5
<b>2° Sem/2003</b>	2.934	246	11,9
<b>1° Sem/2004</b>	4.742	278	17,5
<b>2° Sem/2004</b>	4.645	246	18,9
<b>1° Sem/2005</b>	4.001	278	14,4
<b>2° Sem/2005</b>	3.387	246	13,8
<b>1° Sem/2006</b>	3.000	278	10,8
<b>2° Sem/2006</b>	2.375	216	10,1
<b>1° Sem/2007</b>	2.769	278	9,9

Fonte: Escola SENAI Suíço Brasileiro

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse Programa de Ação para Orientação Vocacional/Profissional, tivemos a oportunidade de perceber a sua efetividade, pois lida com uma realidade concreta de adolescentes de escola pública. Há neles uma enorme carência por valorização humana, desconhecem suas habilidades, talentos e desejos.

Trabalhamos no sentido de sensibilizar para o conhecimento de suas emoções, interesses, habilidades, potencialidades e disponibilidade física e financeira para a realização do projeto individual de Qualificação Profissional.

Apesar da curta duração, percebemos que foi estimulante e motivador para esses jovens. Apesar do pouco tempo que tivemos, observamos que muitos deles demonstravam possuir auto-estima bastante fragilizada, com pouco conhecimento de si mesmo e basicamente sem informação sobre o mundo do trabalho. Lamentavelmente alguns expressaram que não acreditavam mais ser possível mudar, verbalizam um fatalismo, que interpretamos como um mecanismo de fuga. Alguns demonstram inclusive, desprezo e deboche pelo tema exposto.

De acordo com nossas percepções e observações dos fatos ocorridos, nos parece que essa falta de interesse acontece por sentirem-se incapazes de dar significado e rumo à própria vida. Isso nos preocupou e nos faz crer que nesse cenário acabam se aproximando das drogas e da violência, provavelmente, por este ambiente se tornar falsamente mais acolhedor, nessas circunstâncias, despertando muitas vezes no jovem a sensação de “pertencimento” ao grupo marginal.

Por utilizarmos estratégias lúdicas, jogos, colagens e outros mecanismos de linguagem neste programa, o adolescente fala de si sem se dar conta do quanto de informações sobre seus pensamentos e seus sentimentos ele está fornecendo. Trata-se de um meio facilitador para o orientador realizar a leitura dos conteúdos internos, que estão sendo expostos e com isso levar o orientando a perceber o seu “eu”, no sentido de que se reconheça e auto-conheça, se valorize e, conseqüentemente, vá aprendendo a valorizar e respeitar o outro, seu semelhante. Se o sujeito não se conhece, logo as suas capacidades não são exploradas, não as demonstra, nem tão pouco as utiliza. Isso porque não reconhece que as possui, portanto elas são anuladas. E as alternativas que poderiam se abrir, caso

conhecesse as potencialidades/capacidades, são bloqueadas, ou seja: essas possibilidades são ignoradas.

É fundamental uma reflexão sobre essa população de jovens. A realização de um programa com os mesmos objetivos desse modelo de Orientação Vocacional/Profissional, que sensibilize, estimule e integre esse adolescente para que perceba o próprio contexto histórico-social e se reconheça como parte integrante do processo de modificação da natureza e dos determinantes das relações sociais.

Ainda, como afirma Vygotsky, a cultura não é uma coisa pronta, mas um palco de negociações, em que os indivíduos estão constantemente num movimento de recriação e re-interpretação de informações, conceitos e significados.

Neste contexto é preciso "conhecer" e, acima de tudo, "saber aprender", assim, o sujeito atuando com o sistema biológico, afetivo e intelectual, no processo de aprendizagem irá interferindo na forma de sua relação com o meio, sendo que influencia e é influenciado pelas condições socioculturais que o cercam e que lhe propiciam a autonomia e autoria do seu conhecimento, a *priori* de si mesmo, de seu pensamento.

Como define Fernández (2001), a autoria do pensamento supõe diferenciação, agressividade saudável, "revolta íntima". Pensar supõe entrar nos desejos, vendo o possível e o impossível, para depois poder trabalhar na direção de fazer provável algo do possível. E todo esse movimento é acompanhado pela possibilidade de escolher, eleger e de decidir.

Procuramos compreender a autoria de pensamento no contexto de Orientação Vocacional/Profissional, nas situações que demandam análise de sua singularidade/especificidade, com a preocupação de refletir, prevenir, melhorar e mudar uma dada situação ou problema. Notamos que o adolescente passa pela desorganização e angústia que são extremamente positivas.

Em Bohoslavsky (1977) o adolescente é uma pessoa em crise. E esta crise contínua é a melhor adaptação ao meio que se quer modificar e transformar. Nós consideramos essa adaptação, não a acomodação em seu senso comum, mas sim a partir do autoconhecimento que seguramente lhe propiciará maior conforto e segurança para enfrentar as diversidades do mundo moderno, nesse contínuo aprender a aprender, realizando leitura de contexto, identificando aquilo que se quer e se pode, a partir dos recursos disponíveis para modificar e transformar.

Os adolescentes discutem com muito vigor, buscam informações e, seguramente, se orientados e estimulados no sentido de buscar a qualificação técnica, a identificar as alternativas profissionais e transformá-las em ações concretas, terão o prazer do construir.

Entendemos que propiciando a esse sujeito a aproximação com o contexto que ora transforma e é por ele transformado, podemos resgatar cidadania, auto-estima, competência, ressignificando a vida desses adolescentes. Nesse primeiro momento é um aprender, mas ele adquiriu saber/competência para se reorientar em sua vida, buscando um aprendizado contínuo.

Assim, como diz Fernandez (1991), cada sujeito é como uma matriz, construída desde o nascimento; um molde, um esquema de operar, que vamos utilizando nas situações de aprendizagem.

Este conceito de transição é oportuno para destacar a importância da aprendizagem, para fortalecer no indivíduo as condições necessárias para enfrentar os diversos momentos de passagem entre as várias etapas da vida, minimizando os eventuais obstáculos do processo de aprender/saber, por buscar construir uma relação saudável com o conhecimento. Para processar essas transições há necessidade de se conhecer melhor, tomar consciência das condições contextuais e pessoais para que possa protagonizá-las com uma participação mais ativa, como sujeito desta mudança. Isso muitas vezes requer um acompanhamento sistêmico, nos moldes pedagógicos e educativos. Passar por uma transição requer realizar modificações em sua imagem e na representação de si mesmo, de suas relações com os outros e na concepção do mundo.

Nesse enfoque a Orientação Vocacional/Profissional assume o caráter de aprendizagem, pois aprender a eleger/escolher, aprender a construir um projeto, tomar decisões para alcançar as metas propostas, isso é uma construção.

Essa construção não é instantânea, mas sim progressiva, revisada e revisitada. Implica em desconstrução e reconstrução, avanços e retrocessos, revisões ao longo da vida. Daí a nossa percepção de ser um processo de aprendizagem, envolvendo assim as habilidades pedagógicas que são importantes para se preparar para o enfrentamento das variáveis apresentadas, principalmente nos aspectos sócio-culturais, descortinando alternativas, é no reconhecimento das limitações, das ausências, da falta de algo que podemos nos mobilizar e partir em busca da satisfação.

Um Programa de Ação, com a utilização de intervenções didaticamente planejadas, poderá auxiliar o jovem a refletir, organizar e ampliar as concepções e crenças, a realizar escolhas de sua futura profissão e ajudá-lo a entrar no mundo do trabalho e, conseqüentemente promover a inserção social.

É neste ambiente altamente competitivo e globalizado que esse jovem está se preparando para viver. Ele precisará saber aprender a ler e compreender os cenários locais e globais: social/político/cultural. Deve também saber interpretar, elaborar e organizar essa convergência nos outros vários sistemas, como o educacional, organizacional, de trabalho, numa visão singular, como um ser único,= parte de um todo na globalidade, pois a realidade é circular, o que significa que os fatos estão intimamente interligados e interdependentes, portanto sistêmica, não podendo ser entendidos no âmbito de uma metodologia fragmentada. Morin (2002) afirma que a teoria relacional sistêmica promoverá uma visão ampla da globalidade do contexto social, criando condições para o sujeito estabelecer possíveis integrações. Integrar o local e o específico em sua globalidade irá facilitar aos adolescentes articular, religar, contextualizar, situar-se em seu contexto, reunindo os conhecimentos adquiridos, recontextualizando-os e transformando-os em “saber”.

Essa articulação com outros saberes, consideramos adequada para “abarcар” a gama de competências exigidas pelo mercado de trabalho, tendo o sujeito como “centro” desse processo do aprender/saber. O processo é antigo, mas a velocidade que ele têm demandado nos dias atuais é sem precedente.

Com todas as mudanças ocorridas no planeta, com o conseqüente aumento da pressão sobre os trabalhadores, em particular os jovens, pela "cobrança" incessante de qualificações e titulações, muitos têm realizado a escolha profissional baseada em critérios externos. Há necessidade de realizar essa leitura para clarificar e compreender os seus desejos e assim tornar mais saudável a vida do indivíduo no trabalho.

As teorias aplicadas à realização do trabalho de orientação vocacional/profissional devem buscar, portanto, reunir/construir pressupostos que dê conta deste processo através do qual o orientando articule a fantasia e a realidade. Frente a essas complexidades da abordagem é necessária uma carga horária maior, distribuída em maior número de oficinas/sessões, para facilitar a interação orientador/orientando, no sentido de que o orientando entre em contato com seus

aspectos pessoais e o orientador possa criar com ele a capacidade de gerar e ampliar o conhecimento sobre si e sobre o mundo.

Essa proposta tem por base a nossa experiência com os grupos que nos levaram a acreditar na importância do indivíduo se conhecer melhor, para realizar a escolha consciente da profissão, isso frente à intrincada rede de fatores que com frequência geram perplexidade, dúvidas e confusão, ante a qual muitos indivíduos necessitam de ajuda profissional para enfrentar estas situações de transição/escolha.

É muito importante a abordagem clínica de Bohoslavsky, no sentido de conhecer os sentimentos, os valores, as crenças, ou seja, o indivíduo. Em nossa pesquisa percebemos a necessidade de trabalhar com os adolescentes para que possam inserir-se nesse mundo do trabalho em toda sua plenitude: o que sentem e o que fazem, o vocacional e o profissional. Assim, nos processos de escolhas, a pessoa que decide suporta e transporta os aspectos individual e social nas dúvidas, obstáculos, nas decisões e soluções alcançadas. Sabemos que, embora a liberdade de escolha esteja historicamente situada, acreditamos que nesse contínuo aprender, os círculos se ampliarão e esses jovens poderão modificar o próprio futuro.

Portanto, nosso programa de ação se aproximou da abordagem clínica de Bohoslavsky (1977), na posição que ele defende de auxiliar o orientando no sentido de informar e ampliar sua rede interpretativa, seus horizontes, trabalhar sua ansiedade, levá-lo a identificar seus filtros e possibilitar uma exploração o mais realista possível dentro das condições que possui no momento.

Bohoslavsky (1977) define ainda, que orientar é trazer o futuro para o presente do adolescente e assegura ainda que esse futuro lhe pertence. Entendemos que o enfoque objetivo da orientação vocacional/profissional é clarear as determinantes objetivas/subjetivas da escolha. A linguagem foi utilizada em nosso trabalho como estratégia de leitura/interpretação, ela nos deu a possibilidade de fazer a aproximação com a concepção teórica de Bohoslavsky.

A nossa pesquisa de Orientação Vocacional/Profissional planejada na perspectiva da Teoria da Complexidade de Morin, para compreendermos o mundo do trabalho, os conceitos histórico-sociais de Vygotsky, para compreensão do sujeito da escolha e com a abordagem Clínica de Bohoslavsky, vêm complementar assim o programa de ação de Orientação Vocacional/Profissional, esta interpretada mais no sentido das habilidades e potencialidades do sujeito. Assim, buscamos ampliar a

Vocação, acrescentando a Profissão. Isto tudo à luz da situação atual de alta tecnologia e, conseqüentemente, de elevado número de desempregados.

Concluimos nosso projeto, concordando com Bock, (2002) quando ele se refere à reflexão que deve ser feita em relação ao Trabalho. Há uma crença, ainda muito arraigada, nesta fórmula, como indissociável: Trabalho/Emprego. Agora é mais oportuno se discutir a questão do Trabalho e Renda. Atualmente, frente ao número cada vez menor de empregos regidos pela CLT, essa discussão Trabalho/Emprego, fica mais circunscrita as determinantes do mercado de trabalho formal. Porém, Trabalho e Renda têm uma amplitude maior, mas a qualificação técnica continua sendo importante para suprir as demandas de um mercado mais global e facilitar a inserção do jovem no mundo do trabalho.

Porém ao falarmos de renda, trabalhamos na perspectiva de desenvolvimento do sujeito, assim a sua amplitude é maior para pensar o vocacional, suas habilidades e buscar alternativas de trabalho que sejam mais prazerosas e contemplem seus desejos, propiciando maior felicidade na realização do trabalho.

Essa pesquisa foi concebida para conhecer o que os alunos da 3ª série do ensino médio da rede pública conhecem sobre mercado de trabalho e profissões. Também clarificar as dificuldades do processo de escolha, contextualizadas nas questões materiais concretas, considerando a inserção do sujeito no social, se pensando através de sua história e na materialidade em que vive, aceitando a sua subjetividade como parte integrante dessa trama. Motivar e sensibilizar para a elaboração de uma proposta que delineie e demarque o início de um caminho que poderá ser trilhado por todo aquele que se autorizar a isso.

**Este é um campo atravessado por dimensões subjetivas e sociais.**

**Sentimos que os adolescentes ficaram com o “gostinho de quero mais”.**

Queremos deixar aqui expressa o nosso desejo que outros profissionais possam continuar com esse trabalho, pois a experiência vivida nesse Programa de Ação: Orientação Vocacional/Profissional – Um estudo com adolescentes de escola pública, nos fez vislumbrar possibilidades de oferecer a esses adolescentes o resgate da valorização humana, através do reconhecimento de suas emoções, interesses, desejos, habilidades e talentos. A importância da comemoração das vitórias como reforço e fortalecimento da auto-estima, estímulo para novas conquistas.

Achamos oportuno sugerir para as Secretárias de Educação de Estado e Município que através da Transversalidade, prevista pelo MEC, essa atividade de Orientação Vocacional/Profissional, possa ser desenvolvida na própria escola. Percebemos que esses adolescentes necessitam de um espaço onde possam trabalhar as suas emoções, angústias, medos e decepções e, conseqüentemente planejar o seu futuro.

Outra possibilidade é realizar em ONGs, Centro de Apoio à Comunidade mantidos por Universidades. Poderá ser com periodicidade semanal para que nesse intervalo os adolescentes possam interagir e refletir sobre os temas discutidos no grupo e o programa possa oferecer maior eficácia no seu resultado.

O pano de fundo deverá ser a valorização do indivíduo, assim como, o aprendizado contínuo, o aprender a aprender.

Apresentamos essa sugestão que poderá ser uma das formas para iniciar discussão e amadurecer a construção de um projeto.

Essa é a nossa contribuição para a reflexão de outros profissionais, e que sirva de estímulo para outros estudos.

***Enxergamos nesse Programa de Ação uma interação entre orientador e orientando no sentido de oferecer a possibilidade do adolescente se tornar autor e ator do seu saber, da sua construção.***

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATESON, G. **Mente e Natureza: a unidade necessária**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.
- BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação Vocacional: A Estratégia Clínica**. 11<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BOCK, Sílvio Duarte. **Orientação Profissional: A abordagem sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2002.
- BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil: Contribuição a partir da prática**. Porto Alegre: Editora Artmédica Sul, 2000.
- CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.
- CASTRO, Cláudio de Moura. Os pobres nos cursos técnicos. **Revista Veja** de 30 de junho de 2003.
- COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Guia Itinerário Formativo do Programa Crescer, uma Ferramenta para a Ação do Educador** – Instituto Hedging Griffo, 2004.
- DEJOURS, Christophe. **A Loucura do Trabalho**. São Paulo: Oboré Editorial, 1987.
- DRAKE, Ricardo & SMITH, Peter. **Ciência do Comportamento na Indústria**. São Paulo: Ed. McGraw-Hill do Brasil, 1977.
- GREEN, Paul C. **Desenvolvendo Competências Consistentes**. São Paulo: Qualitymark, 2000.
- FAZENDA, Ivani. **Dicionário da Interdisciplinaridade**. São Paulo: Editora Cortez, 2001.
- FERNANDES, Alicia. **A Inteligência Aprisionada**. Porto Alegre: Ed. Artmed, 1991.
- \_\_\_\_\_. **O Saber em Jogo**. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2001.
- FIGUEIREDO, Luis Cláudio Mendonça. **Matrizes do Pensamento Psicológico**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1991.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1979.
- JUNG, Carl G. e após sua morte, M. Von Franz. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1964.
- LEHMAN, Y.P. **Não sei que profissão escolher, em Coleção Qual é o Grilo**. São Paulo: Editora Moderna, 1999.

LUCCHIARI, Dulce Helena Penna Soares. **Pensando e Vivendo a Orientação Profissional**. 2ª edição. São Paulo: Summus Editorial, 1993.

MARTINS, José Manuel Aguiar - In Revista **SENAI** Brasil – jan/fev. 2003.

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem Feita**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. (Organizadores: Maria da Conceição de Almeida e Edgar de Assis Carvalho), **Os Sete Saberes e Outros Ensaio**s, São Paulo: Editora Cortez, 2002.

MULLER, Marina. **Orientar para un Mundo en Transformación: Jóvens entre la educacion y el trabajo**. Buenos Aires: Ed. Bonum, 1997.

MUNHOZ, Maria Luiza Puglisi. **Casamento: Ruptura ou continuidade dos modelos familiares?** 2ª Edição. São Paulo: Editora Expressão e Arte, 2001.

\_\_\_\_\_. **Família, "locus" da aprendizagem humana**. In ANDRADE, M.S. & FRANCO, M.L.P.B. **Aprendizagem Humana**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, pp. 141-163.

PAÍN, Sara. **Subjetividade Objetividade Relações entre Desejo e Conhecimento**. São Paulo: Centro de Estudos Educacionais Vera Cruz (CEVEC), 1996.

PELLETIER, Dennis, Charles Bujold & Gilles Noiseux. **Desenvolvimento Vocacional e Crescimento Pessoal: Enfoque Operatório**. Petrópolis: Vozes, 1977.

PEREIRA, Potyara A P. **Necessidades Humanas: subsídios à crítica dos mínimos sociais**. São Paulo: Ed. Cortez, 2000.

PERRENOUD, Philippe. **Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

\_\_\_\_\_. Os novos pensadores da Educação. **Revista Nova Escola**. Editora Abril, agosto de 2002.

RÊGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 12ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

SENAI. DN. **LDB e a Educação Profissional**. Rio de Janeiro (Série Legislação da Educação Profissional).

SILVA, Maria Cecília Almeida. **Psicopedagogia: Em busca de uma fundamentação teórica**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.

YVOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1987, 4ª tiragem, 2003.

\_\_\_\_\_. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

## Periódicos

**Centro de Integração Empresa-Escola.** Dicionário das Profissões. São Paulo: CIEE, 3ª Edição, 1981.

Centro Integração Empresa-Escola. **Guia Interativo de Informações Profissionais e Educacionais** (GIPE 2.002). São Paulo: CIEE, 2001.

Ministério do Trabalho. **Educação Profissional: Um Projeto para o Desenvolvimento Sustentado.** Setor Ministério do Trabalho - Secretaria de Formação e Desenvolvimento Profissional, 1995.

Revista do Laboratório de Estudos sobre Trabalho e Orientação Profissional - Out/2001 - Nº 0 - LABOR.

## Sites

<http://www.edudatabrasil.inep.gov.br>

[http://www.ibge.gov.br/brasil\\_em\\_sintese/default.htm](http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/default.htm)

<http://www.sp.senai.br/home/Telas/tecnicos/default.asp?Area=tecnicos>

<http://www.viadeacesso.org.br>- Instituto Via de Acesso

[www.ceeteps.br](http://www.ceeteps.br) Centro Paula Souza

[www.cefetsp.br](http://www.cefetsp.br) Escola Federal

[www.fatec.br](http://www.fatec.br) - Perfil de Tecnólogo

[www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br) - Censo Profissional - Educação no Brasil – 1995-2001

[www.sp.senac.br](http://www.sp.senac.br) - Cursos Técnicos

## ANEXOS

### QUESTIONÁRIO PARA “AVALIAÇÃO DE REAÇÃO”

**Caro Estudante,**

Solicitamos que você avalie este Programa de Ação de “**Orientação Vocacional/Profissional**”, pois suas informações nos ajudarão a aprimorar o nosso trabalho.

1-Dê sua opinião quanto às informações recebidas:

Ótimo ( )

Bom ( )

Regular ( )

Péssimo ( )

Comentários:

2- Aplicabilidade das informações recebidas:

Ótimo ( )

Bom ( )

Regular ( )

Péssimo ( )

Comentários:

3- Divulgação pela escola desse trabalho de Planejamento de Orientação Vocacional/Profissional:

Ótimo ( )

Bom ( )

Regular ( )

Péssimo ( )

Comentários:

4- A duração do Programa de **“Orientação Vocacional/Profissional”**

Ótimo ( )

Bom ( )

Regular ( )

Péssimo ( )

Comentários:

5- Avalie quanto ao esclarecimento de suas dúvidas:

Ótimo ( )

Bom ( )

Regular ( )

Péssimo ( )

Comentários:

6-Caso você tivesse oportunidade de participar de outras atividades de “Orientação Vocacional/Profissional”, gostaria de ser convidado?

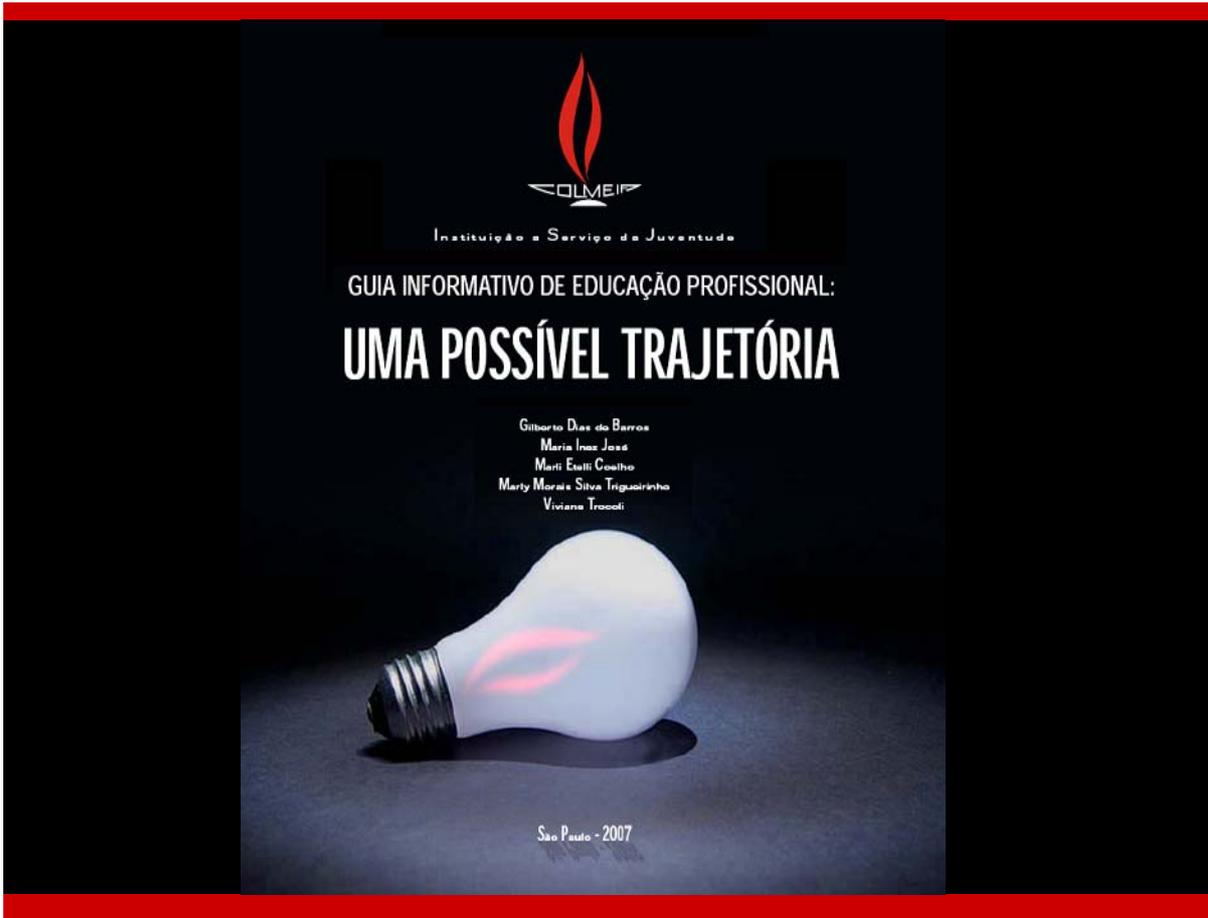
( ) **Sim**      ( ) **Não**

Comentários:

7-Você indicaria esse trabalho de “Orientação Vocacional/Profissional” para algum colega?

( ) **Sim**      ( ) **Não**

Comentários:



## Guia Informativo

**Comparação dos dados estatísticos entre 1º Censo da Educação Profissional Técnica 1999 e o Censo de 2005, observamos que:**

o crescimento de **58,23%** na oferta de cursos de nível técnico em todo país, não acompanhou o número de matrículas.

*...na contramão do desenvolvimento, necessitando de pessoas qualificadas, encontramos um acréscimo no número de matrículas de apenas **4,36%** nos cursos técnicos, no Brasil.*

COLMEIA

## Guia Informativo

### No Estado de São Paulo, no mesmo período 1999 - 2005

o número de cursos aumentou **68,14%**  
e o crescimento das matrículas  
foi de apenas **28,74%**.

## Guia Informativo

### Brasil - 2002

#### Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/IBGE) Brasil:

- **23.098.462** jovens entre 18 e 24 anos.
- Registro Anual de Informações Sociais (RAIS/MTE):
- Cerca de **23,3%** dos jovens dessa faixa etária (5.388.869), tinham emprego no mercado de trabalho formal.

**Guia Informativo****Dieese**  
**Setembro / 2005****Estudo do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos:**

- **32,6%** dos jovens entre **16 e 24** anos da região metropolitana de São Paulo buscavam trabalho.
- (Bem acima da taxa média de desemprego, que é de **18%** e engloba todas as idades).

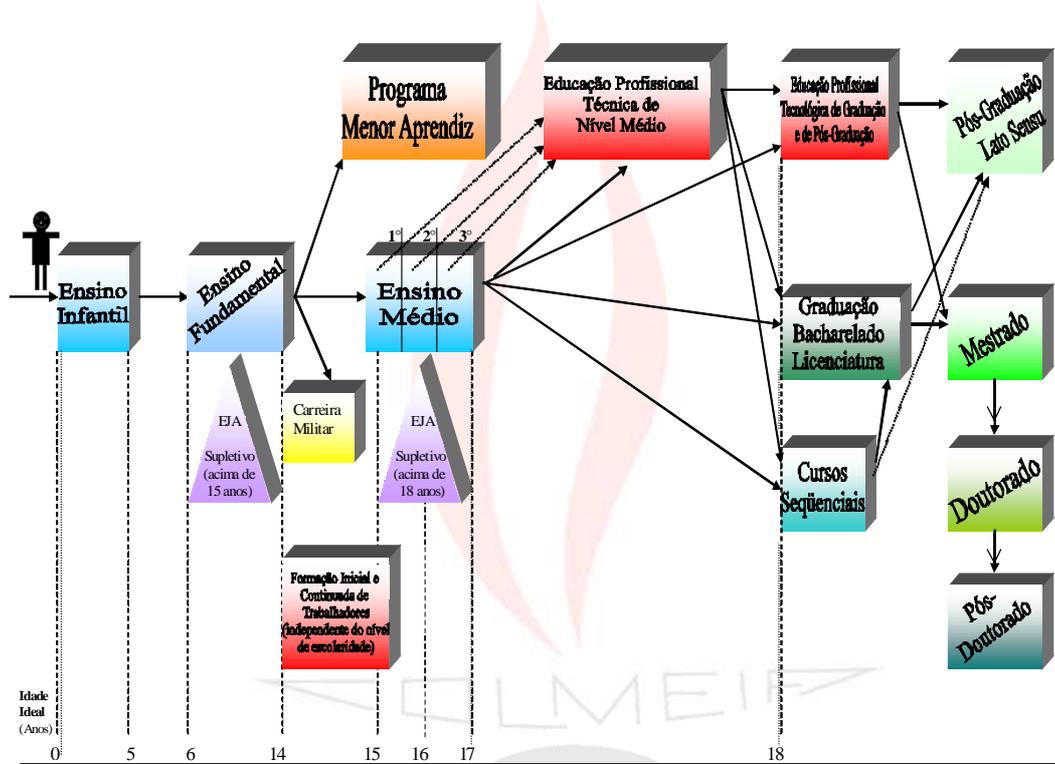
**Guia Informativo****Dieese**  
**setembro/2005:**  
**Desemprego:**

- Atingiu **58,5%** dos jovens / família de baixa renda.
- Contra **22,1%** dos jovens / maior poder aquisitivo e mais preparo.
- **13,4%** dos jovens de baixa renda estudavam e procuravam trabalho ao mesmo tempo.
- Entre os jovens de maior renda, **8,7%** também tentavam trabalhar enquanto estudavam.

**Para minimizar a ameaça do desemprego, o trabalhador precisa se qualificar.**

# Guia Informativo

## Possíveis Trajetórias do Sistema Educacional Brasileiro



## Guia Informativo

### “FALTAM EMPREGOS E SOB RAM VAGAS”

**É destaque na coluna de José Pastore "Opinião",  
O Estado De São Paulo, 20 de setembro de 2005.**

- (Pnad/agosto/2006) revela que em 2005, em relação a 2004, foram criados 2,5 milhões de postos de trabalho;
- “Emprego formal cresce menos”, o jornal “ Estado” de São Paulo, 19 de setembro de 2006 (em agosto = 15,6% menor do que em julho, e o número de vagas criadas em 2006 ficou menor do que o de 2005).

## Guia Informativo

### A partir da LDB 9394/96, a Educação Profissional é uma

**Modalidade de ensino articulada com a Educação  
Básica e a Educação Superior:**

- Formação Inicial e Continuada de Trabalhadores;
- Educação Profissional Técnica de nível médio;
- Educação Profissional Tecnológica de Graduação e de Pós-Graduação.

**O Governo Federal tem previsão de disponibilizar  
214 Escolas Técnicas Federais, mas até o  
momento somente 47 foram entregues.**

**ATUALMENTE SÃO 147 ESCOLAS.**

## Guia Informativo

# EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

A **Formação Inicial e Continuada de Educação Profissional** pode ser a porta de entrada, caracterizando-se pela **qualificação** rápida e conteúdos elaborados de acordo com as necessidades do mercado.

A **Educação Profissional Técnica** é articulada com o ensino médio regular, com organização curricular própria, proporcionando a **qualificação profissional**.

A **Educação Profissional Tecnológica** constitui o nível superior da educação profissional criada para responder às necessidades de especialização e aperfeiçoamento das profissões.

## Guia Informativo

### Portanto,

- Ao iniciar um curso de **Formação Inicial e Continuada**, abre-se uma possibilidade de uma evolução profissional, pois os passos seguintes poderão ser o curso **Técnico** ou mesmo o **Tecnológico**.
- A procura por um curso de Educação Profissional favorece de forma direta a entrada no mercado de trabalho.
- Além disso, tanto a **Educação Profissional Técnica** quanto a **Tecnológica** permitem o **aproveitamento de estudos e de experiência profissional**. Seus currículos são construídos por competências e em módulos que outorgam certificações intermediárias.

## Guia Informativo

### O GUIA APRESENTA 17 FAMÍLIAS:

- Administração
- Artes
- Artes Gráficas
- Agropecuária
- Alimentação e Nutrição
- Biologia e Saúde
- Construção Civil
- Comunicação
- Eletroeletrônica
- Informática
- Mecânica
- Meio Ambiente
- Química
- Telecomunicações
- Têxtil e Moda
- Turismo e Hotelaria
- Transporte

## Guia Informativo

### NO GUIA CONSTAM:

**Mais de 90 cursos técnicos,  
55 cursos tecnológicos, através de 17  
famílias com as  
descrição das atividades  
e  
campo de atuação.**

**Guia Informativo**

## FAMÍLIA DE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO

<b>Formação Inicial e Continuada</b>	<b>Educação Profissional Técnica</b>	<b>Educação Profissional Tecnológica Superior</b>
<b>Qualificação</b>	<b>Habilitação</b>	
<b>Cozinheiro</b>  <b>Padeiro</b>  <b>Confeiteiro</b>	<b>Nutrição e Dietética</b>  <b>Carnes e Derivados</b>  <b>Alimentos</b>	<b>Gastronomia</b>  <b>Alimentos</b>

## Curso Técnico Família de Alimentação e Nutrição

<b>CURSO</b>	<b>DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES</b>	<b>CAMPO DE ATUAÇÃO</b>
<p><b>NUTRIÇÃO E DIETÉTICA</b></p>	<p>Coordena e supervisiona serviços de alimentação, obedecendo ao planejamento elaborado pelo nutricionista, assim como elaborar cardápios e dietas alimentares, em indústrias, hospitais e restaurantes; Orienta e supervisiona o trabalho do pessoal de cozinha; verifica o teor de cozimento dos alimentos; Controla tecnicamente os serviços de compras, armazenamento, condições de higiene, custos, quantidade e qualidade dos produtos alimentícios; Auxilia o nutricionista na supervisão da manutenção dos equipamentos e do ambiente físico; Colabora em trabalhos de educação alimentar da população, fornece informações técnicas sobre alimentação correta e melhor utilização de produtos alimentícios de acordo com os orçamentos domésticos; Colabora em pesquisas realizadas em cozinhas experimentais e em laboratórios; Elabora novas receitas e faz estudos sobre a bromatologia dos alimentos.</p>	<p><b>Hospitais, creches, asilos, ambulatórios, unidades básicas de saúde, indústrias, unidades de alimentação, cozinhas experimentais, indústrias de alimentos, restaurantes comerciais, supermercados, educação alimentar, empresas que fornecem cestas básicas, restaurantes etc.</b></p>

## Guia Informativo

### Número de Instituições, Cursos e Matrículas no nível Técnico - São Paulo 1999/2006

	ESTADO DE SÃO PAULO		
	Instituições	Cursos	matrículas
<b>1999</b>	<b>623</b>	<b>1.921</b>	<b>205.778</b>
<b>2004</b>	1.180	3.059	258.721
<b>2005</b>	1.210	3.230	264.926
<b>2006</b>			<b>248.612</b>
<b>Crescimento 1999/2005</b>	<b>94,22%</b>	<b>68,14%</b>	<b>28,74%</b>

Fonte: MEC/INEP

### INSTITUIÇÕES: FEDERAIS, ESTADUAIS E PRIVADAS.

Tabela 2 - Estabelecimentos por Dependência Administrativa, 2003 a 2005 - Brasil									
Ano	Total	Estabelecimentos por Dependência Administrativa							
		Federal		Estadual		Municipal		Privada	
		n	%	n	%	n	%	n	%
2003	2.789	138	4,9	553	19,8	115	4,1	1.983	71,1
2004	3.047	143	4,7	602	19,8	130	4,3	2.172	71,3
2005	3.294	147	4,5	659	20,0	138	4,2	2.350	71,3

Fonte: MEC/Inep/DEEB - Censo Escolar 2003 a 2005

## Guia Informativo

### Educação Profissional

- Em **2006** a **rede privada respondeu por 54,8%** das matrículas da educação profissional, enquanto a **rede estadual ampliou sua participação de 26,6%**, em 2005, para **31,4% em 2006**.

## Guia Informativo

Matrículas em 2005 e 2004, segundo etapas/modalidades da Educação Básica

Etapas/Modalidades de Educação Básica	2005	2004	Diferença: 2005-2004	Variação % em relação a 2004
Educação Infantil	7.205.013	6.903.763	301.250	4,4%
Creche	1.414.343	1.348.237	66.106	4,9%
Pré-escola	5.790.670	5.555.526	235.144	4,2%
Ensino Fundamental	33.534.561	34.012.434	-477.873	-1,4%
Ensino Médio	9.031.302	9.169.357	-138.055	-1,5%
EJA	5.615.409	5.718.061	-102.652	-1,8%
Educação Especial	378.074	371.382	6.692	1,8%
Educação Profissional	707.263	676.093	31.170	4,6%
<b>TOTAL</b>	<b>56.471.622</b>	<b>56.851.090</b>	<b>-379.468</b>	<b>-0,7%</b>

Fonte: INEP/MEC –Censo Escolar